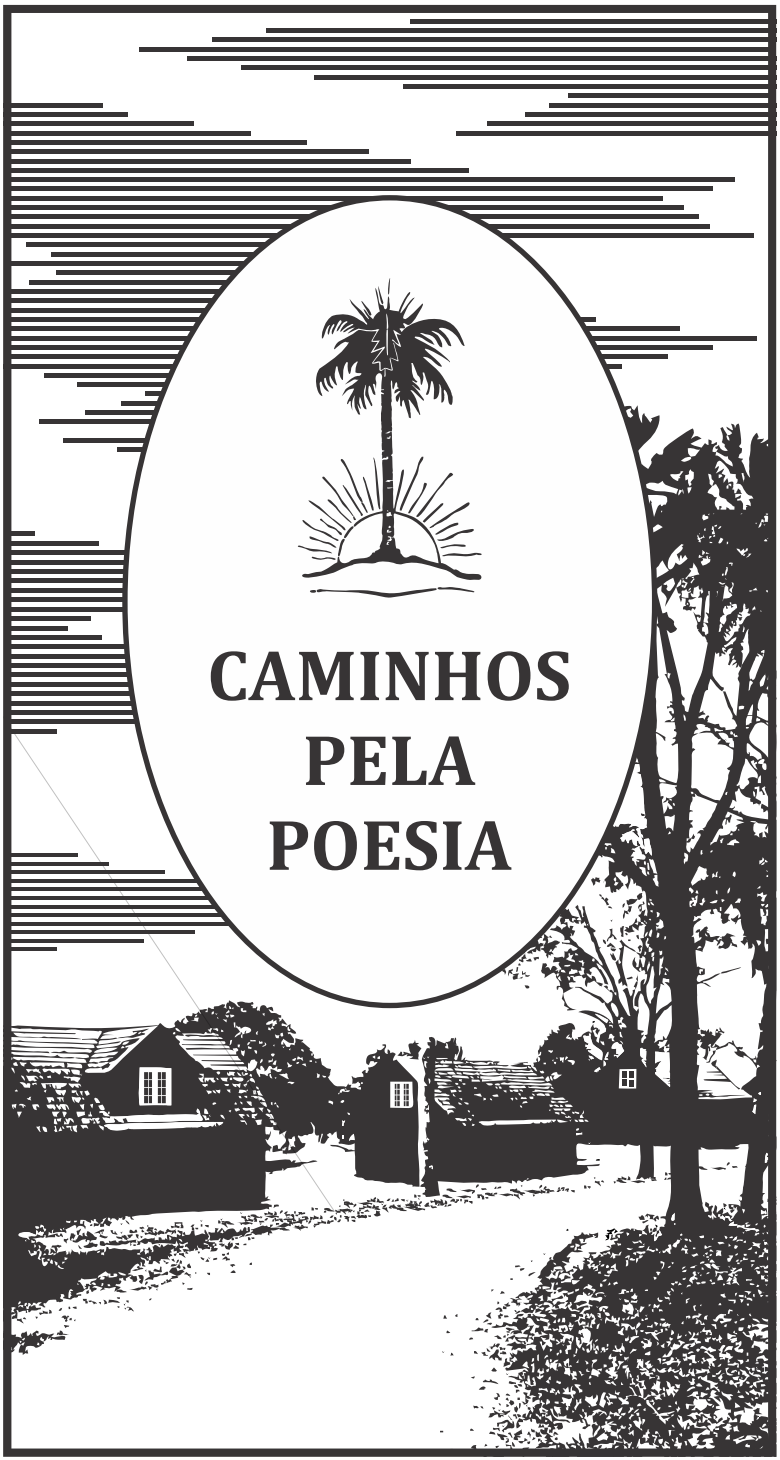

CAMINHOS
PELA
POESIA

# CAMINHOS PELA POESIA

## CEĻI, KAS VED CAUR DZEJU

**ORGANIZADORES**

Sibila Lilian Osis

Renate de Carvalho Albrecht

**ORGANIZAÇÃO**

Sibila Lilian Osis

Renate de Carvalho Albrecht

**TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS**

Antonija Rudzīte

Sibila Lilian Osis

**TRADUÇÃO LETO-PORTUGUÊS**

Renate de Carvalho Albrecht

Sibila Lilian Osis

Valda Albrecht Osis

Vitoldo Osis

**REVISÃO DA TRADUÇÃO LETO-PORTUGUÊS**

Alfredo Carlos Peterlevitz

Carlos Purim

Celia Aldins Bukvar

Deise Emilia Klavin Alvarenga

Erlings Arais

Helena Milda Weidman Klavin

Ilga Osis Bukvar

Ilona Gulbis

Ingrid Ilga Aldins

João Grimberg

Liliana Minka Klavin

Luzia Skuya Osis

Lydia Amans

Nanci Arais Wodewotzky

Olivia Eloisa Grimm Arais
Valda Albrecht Osis
Vitoldo Osis

**CONSULTORIA TEXTUAL**
Antonio Felipe Oliveira
Ilona Gulbis
Liliana Minka Klavin
Luzia Skuya Osis
Maruta Babulis

**REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO EM LÍNGUA LETÃ**
Maruta Babule

**TRADUÇÃO LITERÁRIA E REVISÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**
Antonio Felipe Oliveira

**DESIGN GRÁFICO**
Renate de Carvalho Albrecht

© dos organizadores

**Revisão da transcrição em língua letã:** Maruta Babule
**Tradução literária e revisão em língua portuguesa:** Antonio Felipe Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caminhos pela poesia [livro eletrônico] /
organização Sibila Lilian Osis, Renate de Carvalho Albrecht. -- Nova Odessa, SP : ABCL : Corporação Evangélica Palma, 2022.
PDF.

ISBN 978-65-991309-1-5

1. Imigração - Letônia - História 2. Poesia brasileira I. Osis, Sibila Lilian. II. Albrecht, Renate de Carvalho.

22-116236 CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## DEDICATÓRIA

Dedicamos esta coletânea aos imigrantes letões, poetas e escritores, que em seu caminho de fé e esperança, saíram em busca de uma nova vida com liberdade e marcaram a história, também por meio da literatura.

Šis ir veltījums latviešu imigrantiem, dzejniekiem un rakstniekiem, kuri pa savu ticības ceļu izgāja jaunas dzīves meklējumos un caur literatūru atstāja pēdas Brazīlijas latviešu vēsturē.

**AGRADECIMENTOS**

Aos colaboradores que prontamente aceitaram participar deste trabalho:

Alfredo Carlos Peterlevitz
Antonija Rudzīte
Antonio Felipe Oliveira
Carlos Purim
Celia Aldins Bukvar
Deise Emilia Klavin Alvarenga
Erlings Arais
Helena Milda Weidman Klavin
Ilga Osis Bukvar
Ilona Gulbis
Ingrid Ilga Aldins
João Grimberg
Liliana Minka Klavin
Luzia Skuya Osis
Lydia Amans
Maruta Babule
Nanci Arais Wodewotzky
Olivia Eloisa Grimm Arais
Valda Albrecht Osis
Vitoldo Osis

**Agradecimentos à Ex. Senhora Embaixadora Alda Vanaga e ao Ministério das Relações Exteriores da Letônia pelo apoio ao projeto.**

# Sumário

## Saturs


**Prefácio** ..... 11
**Apresentação** ..... 16
Caros Leitores! ..... 31
Cienījamie Lasītāji! ..... 33
O Caminho Dos Poemas ..... 35

**CAMINHOS DA FÉ** 41

**Kalnu Jēkabs**
Mēs ceļojam... ..... 43
Nós viajamos ..... 44
Uz vienu mērķi ..... 45
Por um objetivo ..... 46
Bērnam ..... 51
Para uma criança ..... 52
Ziemsvētku rīts ..... 57
Manhã de Natal ..... 58

**Jūrmalnieks**
Tapt / Dzīvot / Mirt ..... 47
Ser / Viver / Morrer ..... 49
Trīs gājumi ..... 53
Três caminhadas ..... 54

**Upmalietis**
Kungs, atpakaļ pie Tevis! ..... 55
Senhor, retorno a Ti! ..... 56

**Svešinieks**
Miera stāsts ..... 59
História de paz ..... 60

**A.B.**
Lūgšana ..... 61
Oração ..... 64

**Otokars**
Jaunībai ..... 67
Para a mocidade ..... 68

**Dzidrupnieks**
Caur dzīvi... ..... 69
Através da vida... ..... 70

**A.U.**
Raksti smiltīs! ... 71
Escreve em areia! ... 72
**K.P.**
Mājup ... 73
Para o lar ... 74

**CAMINHOS DA ALMA** 75

**Ezera Vilnis**
Torņa būvētājam ... 77
Ao construtor da torre ... 78
**Dzintars Krasts**
Gadam aizejot ... 79
Com o passar do ano ... 80
**Upmalietis**
Klusinātas ilgas ... 81
Saudades silenciadas ... 82
**Kalnu Jēkabs**
Kad runā sirds... ... 83
Quando fala o coração... ... 84
Vakarā ... 87
Ao entardecer ... 88
**A.B.**
To zinu es... ... 85
Isto eu sei... ... 86
**Dienvidnieks**
Jauneklim ... 89
Para o jovem ... 90
**Autors nezināms / Autoria desconhecida**
Sirds raud... ... 91
Chora o coração... ... 92
**Valija**
Vēlējums ... 93
Desejo-te ... 95
**J.B.**
Grāmatas ... 97
Livros ... 98

**CAMINHOS DA VIDA** 99

**Gaida**
Vakarā ... 101
Anoitecer ... 102
Palma ... 127
Palma ... 128

**Sīlvestrs**
Stipri balsti ..... 103
Apoio forte ..... 104
**Kalnu Jēkabs**
Zvaigznes ..... 105
Estrelas ..... 106
Agrā rītā ..... 125
Cedo de manhã ..... 126
**Ezera Vilnis**
Rieta ..... 107
Pôr do Sol ..... 108
**Valija**
Pie eglītes ..... 109
Diante da árvore de Natal ..... 110
**Astere**
Uz sniegbaltiem spārniem ..... 111
Em asas alvas como a neve ..... 112
**Krasts**
Nu es zinu ..... 113
Agora eu sei ..... 114
**Dienvidnieks**
Manas ilgas ..... 115
Minhas saudades ..... 116
**Dzintars Krasts**
Lēkta un rieta ..... 117
Aurora e Crepúsculo ..... 118
**A.B.**
Man patīk... ..... 119
Agrada-me... ..... 120
Mūža mežā ..... 131
Na floresta ..... 132
**Svešinieks**
Mazs putniņš ..... 121
Pequeno passarinho ..... 122
Rozīte un mīlestība ..... 123
A rosa e o amor ..... 124
**Ilga**
Dienai dziestot… ..... 129
Dia minguando... ..... 130
**Jūrmalnieks**
Melns ērglis ..... 133
Águia Negra ..... 134
**Šarlote**
Satumsa nakts... ..... 135
Escurecia a noite ..... 136

**CAMINHOS DA FINITUDE** 137

**Mazais Cinis**
Mātes aizlūgums ..... 139
Intercessão da mãe ..... 141
**Kalnu Jēkabs**
Vakar un šodien ..... 143
Ontem e hoje ..... 144
*** ..... 153
*** ..... 154
**A.B.**
Šķiroties ..... 145
Separado ..... 146
**Dienvidnieks**
Sirds pulkstenīts ..... 147
Relógio do Coração ..... 148
**Tālrīts**
Vakardiena ..... 149
Ontem ..... 150
**K.P.**
Vakars kolonistu fabrikā ..... 151
Entardecer em uma fábrica dos colonos ..... 152

## PREFÁCIO

O povo leto é muito antigo. Há muito tempo se sabe que habitava as margens do mar Báltico e ainda hoje é um dos únicos que falam o letão, esta língua indo-europeia. Os letos são amantes da natureza, da poesia, do canto e suas músicas e poemas contam de sua terra, falam de paisagens naturais, de suas dores, de alegrias, de esperança e da sua fé em Deus.

Em 1922 e 1923, dentre os que vieram da Letônia respectivamente para Varpa e para a Fazenda Palma, havia pastores, professores, engenheiros, médicos, escritores, poetas, músicos, homens e mulheres com diversas formações, dons e talentos.

Apesar de muitos imigrantes terem formações em diversas áreas de conhecimento, a grande maioria não podia exercer suas profissões aqui e, como não havia trabalho para todos, pois a fazenda estava em formação e ainda não produzia o suficiente ao sustento da comunidade, um grupo de Palma foi trabalhar em fazendas de café em Dourados, estado de São Paulo.

Como ser poeta, escritor ou músico não depende de onde se está, muitos desses artistas continuaram a produzir suas obras e assim fomos presenteados com várias composições que ainda hoje são lidas e cantadas, não apenas por descendentes daqueles que vieram para o Brasil, movidos pela fé e pela necessidade de liberdade de culto e de pensamento, mas por aqueles de várias igrejas espalhadas mundialmente.

Um poema traz um verso que diz assim: "*Cantando nasci, cantando vivi, cantando a vida terminei, cantando o amor te encontrei no jardim do paraíso".* Não sabemos de sua autoria, mas podemos ver que nele estão representados o amor pela poesia, pela música e a sua esperança de se encontrar com Deus no paraíso.

Em 1925, o grupo que foi trabalhar com as lavouras de café em Dourados (SP) montou uma tipografia com instrumentos e máquinas usadas, foi a partir de então que começaram a ser feitas as primeiras impressões. Ao final do ano de 1926, a tipografia foi transferida para a Fazenda Palma e, a partir de então, ela teve um grande crescimento e passou a imprimir revistas, panfletos, convites, livros, jornais, entre outras publicações nos idiomas leto, russo e português.

A professora Maria Melenberg, que vivia em Palma, falava corretamente o leto, o russo, o alemão e o português e, por isso, era uma das tradutoras. Além dela, muitos outros habitantes trabalhavam ali. As publicações feitas em Palma eram enviadas para os Estados Unidos, Letônia, Rússia, Israel e outros países, assim os letos de todas as partes do mundo tinham notícias dos que estavam aqui no Brasil, bem como podiam ler os poemas dos seus diversos autores. A tipografia foi montada para publicá-los e transmitir algum conhecimento da palavra de Deus, ou seja, servir principalmente ao próprio povo leto.

Os proprietários e demais habitantes da Fazenda Palma viviam em um sistema de cooperativismo e nos

moldes da igreja primitiva, mas não eram organizados como uma instituição. Entretanto, em 20 de julho de 1929, criaram oficialmente uma associação, denominada Corporação Evangélica Palma (CEP), regida por um estatuto que foi registrado no Cartório de Registro de Imóveis de Assis.

O mesmo espírito de cooperação e união que formou a fazenda foi mantido em suas finalidades e assim, com o item "a" do art. 2º do estatuto, foram estabelecidos os seguintes fins da Corporação Evangélica Palma:

> Art. 2º: Fins da Corporação:
>
> a) tendo por mira como santo modelo, os primeiros christãos dos tempos primitivos com sua consagração a deus na vida cotidiana e practica, o fim dos fundadores da corporação e, sem excepção da nacionalidade ou cidadania, idade, sexo, educação ou capacidade de trabalho, associar-se mutuamente numa comunidade de apoio moral e material, a qual durante sete anos já fora, pelos fundadores, aqui practicamente experimentada, com resultados benéficos.

A tipografia da CEP estava em pleno funcionamento, mas ao final da década de 30, por ocasião do Estado Novo, teve que suspender suas operações, pois era proibido o uso de qualquer língua estrangeira. Em 1946, a tipografia retomou suas atividades e funcionou até 1981, quando então cessou suas publicações.

Em 1964, a CEP, composta por 42 idosos, doou a Fazenda Palma para a Convenção Batista Brasileira, que em 1973, fez sua doação para a Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), também da Convenção Batista Brasileira.

Com a doação da Fazenda Palma, a CEP também foi

dissolvida como associação. Em 1995, ela foi reorganizada e reativada, mas não foram retomadas as funções da tipografia, porque a fazenda ainda estava em nome da JUERP e, somente em 1997, devolveu-a para a CEP.

Desde que a CEP foi criada, vive de recomeços e, recentemente, em 14 de abril de 2019, teve outro quando uma nova diretoria e um novo estatuto foram estabelecidos, após a corporação passar por perdas de seus membros por morte ou desligamento e de parte de seu patrimônio histórico.

Após muito tempo em abandono, por não haver quem a olhasse com a importância que possui, a tipografia de Palma entrou em processo de recuperação da sua história. Pela graça e bondade de Deus, que colocou no coração de Sibila Lilian Osis tal desejo, marcado com a publicação desta coletânea de poemas, em conjunto com Renate de Carvalho Albrecht.

Por meio da sua publicação, podemos ter acesso a poemas que expressam os sentimentos dos seus autores, ao nos revelarem as alegrias, as dores, as saudades, a fé e especialmente, a esperança de dias melhores e de um reencontro com Deus.

Para os descendentes dos imigrantes letos e para todos os membros da CEP, que hoje é composta por seus descendentes e pessoas de várias etnias, o projeto desenvolvido por Sibila e Renate é um verdadeiro tesouro e está nos permitindo viver mais um recomeço da tipografia.

Com absoluta certeza, a reunião de poemas e o projeto de restauração são genuínos presentes divinos e servirão como incentivo às próximas gerações, para manter a história viva, para recuperá-la quando insistir em ser esquecida e para sempre retomá-la, não importa de onde parou.

Desejamos muito sucesso às organizadoras da obra e que continuem sendo usadas para rememorar a história de um povo, que também é seu. Este, que por amor e obediência a Deus, migrou ao Brasil para viver livremente sua fé e trouxe em sua bagagem uma enorme contribuição, não apenas para os que hoje aqui estão, mas também com música e poesia de elevado nível.

**Milia Tupes**
Historiadora e
escritora

**Roseli Rodrigues**
Presidente
Corporação Evangélica Palma

## APRESENTAÇÃO

Em algum dos anos iniciais da década de 1980, por ocasião das comemorações natalinas de 24 de dezembro da II Igreja Batista Leta da cidade de Nova Odessa, duas crianças se colocam à frente da congregação reunida e declamam um poema em língua letã, momento registrado em fotografia. Em companhia de sua irmã, ali reconhecemos Sibila Lilian Osis, uma das organizadoras desta coletânea em conjunto com Renate de Carvalho Albrecht.

É possível resgatar outras memórias de membros da igreja que declamavam poemas em cultos. O periódico *Kristigs Draugs* de abril de 1940 trouxe o relato da comemoração do 17º aniversário da fundação da igreja dos imigrantes letões, unindo as três congregações locais, do Centro de Varpa, Palma e Pitangueiras. Em sua programação, também ocorreu uma bela declamação do talentoso jovem R. Klavin, de Pitangueiras, que vivamente impressionou a todos, conforme assinalou o autor do texto (J.I., 1940).

Vitoldo Osis e Valda Albrecht Osis contam que o Sr. Jaunzemis, vindo da Letônia após a II Guerra Mundial e estabelecido em Nova Odessa, era um declamador de poemas com vasto repertório. Quando o pastor o convidava para que embelezasse o culto com uma recitação, ele somente pedia o tema e alguns minutos para rememorar, então a fazia. Acreditamos que muitos dos que frequentaram as igrejas batistas letas devem ter histórias semelhantes. Conforme Mendonça e Alves (2019), a poesia e o ato de declamação de poemas são

manifestações da cultura, portanto assim também as compreendemos entre os imigrantes letos do Brasil e seus descendentes.

São os caminhos da vida que se tornam memórias e lembranças a serem registradas e transmitidas. Os caminhos da fé, dentro do coração dos imigrantes fundadores de Varpa, ao desbravarem as terras tropicais do Brasil, e os caminhos da alma e da finitude, com a convicção do cumprimento das promessas de Deus. Dentre os imigrantes letos que deixaram tais registros de suas caminhadas, apresentamos 23 poetas e 50 poemas nesta reunião.

Os poemas são artefatos literários repletos de significado em sua composição, por exemplo a partir de sentimentos, reflexões, práticas, cotidianos e crenças (Mendonça e Alves, 2019). Podem ser interpretados de diferentes formas por seus leitores, sob influência de acontecimentos e emoções, afinal ler é uma forma de "interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las" (Yunes, 1995, p. 188). Destaca-se igualmente a importância histórica dos poemas, por serem reflexões filosóficas sobre o tempo de sua criação, pois

> [...] não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso e prosa [...], diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular (Aristóteles, 1973 apud Mendonça e Alves, 2019, n.p).

Da mesma forma, a Bíblia proporciona belos textos, não somente sagrados e de orientação espiritual, mas também literários e históricos. Por exemplo, através dos

Salmos de Davi, é possível compreender a fragilidade da existência humana e sua busca de uma vida guiada pela fé, escrita de forma poética e reflexiva (Fonseca, 2010). Neste sentido, tanto em tempos antigos, quanto contemporaneamente, a humanidade busca formas de expressão diversas e as palavras escritas se consolidaram como marcas que registram a existência e seus percalços.

A historiadora Milia Tupes (1988), em seu estudo sociorreligioso sobre a colonização de Varpa pelos imigrantes letões, intitulado "Da Aurora ao Crepúsculo", utilizou diversos poemas como fonte. O poema "Sobre os primeiros tempos de vida na colônia" (p. 43) exprime as expectativas, realidades e ideais do grupo de imigrantes, assim como o "À noite" (p. 47) expõe sofrimentos pelos quais passaram. O de título "Sonhos D'Alma" (p. 91), de Kalnu Jekabs, trata dos conflitos inerentes aos humanos frente à vontade divina. Tais poemas que a autora selecionou, alguns com autoria assinada e outros não, foram extraídos de impressos produzidos em Varpa ou de materiais que ela levantou para a pesquisa (Tupes, 1988).

A partir da escrita, a leitura se tornou uma das mais importantes atividades cognitivas humanas e assumiu uma importante atribuição educativa. Por meio dela, tornou-se possível tanto informar sobre os acontecimentos em sociedade, quanto implementar formas de comunicação uns com os outros, além de nos permitir o afastamento momentâneo da realidade em direção a cenários e situações como forma de distanciamento (Silva, 2013). Os textos literários se destacam por esta possibilidade de levar seu leitor à

"capacidade de experimentar algumas sensações pouco comuns em sua vida" (Silva, 2013, p. 197). A leitura pode entreter, mas também educar, transmitir aprendizados sociais e estimular a empatia.

Ao pesquisarmos documentos para serem fontes de estudo dos impressos produzidos com a tipografia de Palma, em Varpa, deparamo-nos com inúmeros poemas. Alguns assinados com o nome dos poetas, outros somente com iniciais e vários com pseudônimos, o que gerou inquietação e curiosidade sobre tais textos e seus significados. Com tantos artefatos literários em mãos, decidimos trabalhar em uma coletânea. A princípio, seria uma iniciativa simples de tradução de alguns deles para a língua portuguesa, com o objetivo de conhecer minimamente os conteúdos ali expressos. Assim demos início a este projeto, que se tornou uma experiência de recuperação histórica e de memória.

A história da tipografia de Palma começou na cidade de Dourado (SP). Os jovens J. Rosenberg e J. Bukmanis viajaram a Nova Odessa e adquiriram uma máquina tipográfica manual e alguns tipos de chumbo em português (Ronis, 1974). O maquinário da impressora manual foi instalado numa fazenda de café em Dourado e os primeiros impressos foram publicados em língua letã em 1925, com letras latinas, mas em ortografia *vecā druka*[1]. Além de estarem em ortografia antiga, as adequações com as letras latinas tornaram os primeiros impressos uma adaptação da gramática letã. No primeiro *Meera Wehsts*, há uma nota dos gerentes, em que informavam aos seus leitores:

---

[1] A influência alemã era presente na ortografia da língua letã em publicações impressas, o formato gótico utilizado advinha da imprensa alemã. O termo para esse estilo de escrita na Letônia em gótico é *vecā druka* (antiga impressão).

1.) Bem-vindos para aceitar como somos, com todas as fraquezas. Devido à falta de placas especiais na língua letã, somos forçados a fazê-lo por enquanto com placas em português, até que possamos comprar sinais em letão (Eichmanis e Rosenbergs, 1925, p. 16, tradução nossa).[2]

O endereço para envio de correspondência era "A. Eichman a/c. Dr. Carlos Botelho, Est. d. S. Paulo, Dourado. E.F.D. Brasil" (Eichmanis e Rosenbergs, 1925, p.16). Em 1926, com a edição 11, ele foi alterado, sendo informado que o destino seria "Col. Várpa". Desde a edição 9 publicaram, em sua última página, que em novembro eles estariam transferindo o *Meera Wehsts* para a colônia de Varpa e que as correspondências da Europa e América do Norte deveriam ser encaminhadas para o novo endereço a partir de outubro.

O periódico *Meera Wehsts* (Mensageiro da Paz) e um pequeno livreto para crianças chamado *Rihta Rasa* (Orvalho da manhã) foram os impressos encontrados com datas mais antigas, de 1925. Como gerente, assinava Arw. Eichmanis e assistente de gerente, J. Rosenbergs. Quando a tipografia se instalou na Fazenda Palma, em Varpa, começaram a produzir diversos impressos, dentre eles o periódico *Jaunais Lihdumneeks* (Jovem Desbravador), sob edição de J. Rosenberg, além de livros, folhetos e hinários. Em 1931 é iniciada no Brasil a publicação do *Kristigs Draugs* (Amigo Cristão), com João Inkis sen[3] como redator-gerente. Anteriormente, sua

[2] Texto original, em língua letã: "1.) Laipni luhdsam muhs peenemt tahdus, kahdi esam ar wisám wahjibám. Latweeschu walodas ihpatnejo sihmju trukuma dehl esam speesti pagaidám istikt ar portugalu walodas sihmém, lihds spehsim eegahdát latweeschu walodas sihmes".

[3] O pastor Jānis Iņķis assinava como João Inkis enquanto era o redator-gerente do Kristigs Draugs, mas comumente assinava seus textos como Jānis Iņķis sen. ou J.Inķis, além de outras variações.

produção era feita na Letônia desde 1903, porém com a imigração, passou a ser editado na tipografia de Palma.

Pela dificuldade de conseguirem materiais adequados para a escrita em língua letã, até o final de 1928 os materiais impressos recuperados foram produzidos com letras latinas, mas em ortografia *vecā druka*. A partir de janeiro de 1929, os textos continuaram a ser assim publicados, mas com letras góticas. Alguns indícios em publicações do *Meera Wehsts* e do *Jaunais Lihdumneeks* apontam que doações foram recebidas para implementar melhorias na produção dos impressos. Daí em diante, alguns textos foram mantidos em *vēca druka* com letras góticas e outros adaptados à nova ortografia em letras latinas, com a correta acentuação utilizando o mácron, caron e o comma.

Em 1938, o governo brasileiro publicou o Decreto nº 3.010, que restringia o uso de idioma estrangeiro em território nacional, sendo interrompida a produção de impressos na tipografia entre 1941 e 1946. O retorno se deu em 1947, a partir de quando se manteve o periódico *Kristigs Draugs* até 1981, ano da última edição em Palma. Dentre outros materiais produzidos, temos o *Brazilijas Latviešu Jaunatnes Gada Grahmata*, editado por R. Wahwera e J. Rosenberg. Além de, como suplementos do *Kristigs Draugs,* o *Brazilijas Latviešu Kalendārs*, redigido por A. Samailovičs, bem como *o Bērnu Prieks* e o "Boa Semente", redigidos por M. Mellenbergs.

Os poemas aparecem em todos os periódicos e suplementos, sejam destinados a adultos, jovens ou crianças, colocados em capas, entre outros textos ou em agrupamentos. Também foram publicadas exclusivamente coletâneas de poemas, como a *Sahrtee*

*logi* (Janela rosada), do poeta Jurmalnieks, pela *Brazilijas Latvieshu Jaunatnes Weenibas* (Liga da Juventude da Letônia do Brasil), e a *Kad sirds mekle sirdi* (Quando coração procura coração), de Kalnu Jekabs, dentre outras.

No livro *Latvieši Brazilija Vārpas kolonija* (Colônia de letões em Varpa, Brasil), Nora Vilmane (2019) elaborou uma lista de autores que faziam parte do círculo literário da época, em que nomes como os citados anteriormente estão com outros que também são apresentados nesta coletânea. Todavia, encontramos muitos que não estão listados, ou se mantiveram anônimos, assinando somente com suas iniciais ou sem autoria identificada.

O universo de autores representados por meio dos seus escritos tornou muito delicado o processo de seleção de quais poemas comporiam este projeto. Decidimos iniciar com os anônimos, com pseudônimos ou somente iniciais, e começamos a transcrevê-los. Contamos com ajuda de Antonija Rudzīte, da Letônia, que prontamente transcreveu para o leto moderno vários dos textos, porque ainda estávamos nos adaptando à escrita em *vecā druka*.

Com essas primeiras transcrições e após buscar alguns textos auxiliares sobre a escrita antiga para a moderna, também nos desafiamos a transcrever. Neste processo, as ferramentas tecnológicas possibilitaram consultar dúvidas de termos e palavras em sites como o Letonika.lv, Tezaurs.lv, Biblioteca Digital da Letônia e os tradutores online. Igualmente essenciais foram as consultas aos pais e conhecidos que podiam auxiliar em algum ponto de difícil compreensão. Ao final, tínhamos um arquivo com 88 poemas, entretanto algumas outras

centenas ficaram para empreitadas futuras.

O projeto foi submetido ao Ministério das Relações Exteriores da Letônia em busca de fomento, assim poderíamos desenvolver um trabalho com maior qualidade. Por meio da Embaixadora da Letônia no Brasil, Sra. Alda Vanaga, a proposta foi apresentada e aprovada.

Como 2022 marca os 100 anos da fundação de Varpa, chegamos ao consenso de que 50 poemas seriam selecionados e trabalhados. A princípio, foi realizada a tradução preliminar somente com o intuito de uma compreensão geral de cada um. Em seguida, iniciamos uma revisão da tradução, em encontros duas vezes por semana através de reuniões online, quando novamente as facilidades tecnológicas foram muito úteis. Surgiu então a necessidade de uma terceira avaliação das traduções.

Neste ponto, foi de extrema importância a participação de letos e descendentes de letos que auxiliaram e colaboraram de imediato. Sem tal auxílio, o material aqui registrado não teria o mesmo esmero. Agradecemos a cada colaborador que pôde dispender do seu tempo à revisão de sentido das traduções. Contribuições valiosas que, em muitos casos, proporcionaram descobertas e aprofundamentos da sensibilidade dos poemas.

Citamos aqui nominalmente Celia Aldins Bukvar e Ingrid Ilga Aldins, com colocações muito sensíveis em suas versões; Deise Emília Klavin Alvarenga e Helena Milda Weidman Klavin, que sem hesitar aceitaram e se dispuseram a uma revisão meticulosa; Olivia Eloisa Grimm Arais e Erlings Arais, que destacaram muito

cuidado à tradução e sua interpretação; Ilga Osis Bukvar com uma revisão muito segura e incentivadora; Liliana Minka Klavin, que fez uma busca cuidadosa em originais; Nanci Arais Wodewotzky, que encaminhou versões revisadas com muito zelo e apontou a importância dos materiais impressos; Lydia Amans, que pôde relembrar os tempos em que atuou junto à tipografia de Palma, com a composição[4]; Alfredo Carlos Peterlevitz, com as tantas indicações de sentidos possíveis direcionados à época dos poemas; Ilona Gulbis, que trouxe em suas revisões uma releitura sofisticada de muitos significados; Carlos Purim, por por suas contribuições pontuais; Luzia Skuya Osis, que possibilitou novas representações nas traduções; João Grimberg, que entregou versões com reconhecível apreço e elegância; Valda e Vitoldo Osis, que participaram de diversas etapas e nos deram suporte e incentivo, desde a transcrição para a língua letã, até a revisão e análise. Ilona, Liliana e Luzia também contribuíram como consultoras e em decisões sobre alguns termos que geraram dúvida ou que, ao serem traduzidos em língua portuguesa, poderiam levar a diferentes interpretações.

Contudo, ainda tínhamos dois desafios: o primeiro, adequar as transcrições em língua letã à ortografia e gramática atuais e, o segundo, recriar a função poética dos textos também em língua portuguesa, ou seja, o caráter literário das traduções. Nesta parte do percurso, por indicação da Profa. Iveta Ķestere, da Universidade da Letônia, convidamos  Maruta Babule, editora letã que

[4] Composição é uma das etapas na produção de impressos, quando são formados os textos manualmente por meio da montagem das letras de chumbo.

também tem vínculo familiar através de Emilia Milķesone, sua tia-avó, que emigrou para Varpa em 1922/23. Sua revisão das transcrições foi primordial a proporcionar os poemas em língua letã moderna aos leitores, enquanto preservadas as características da época.

Com a resolução do segundo desafio, colaborou Antonio Felipe Oliveira, consultor textual, que adentrou o universo dos imigrantes letos com muito encantamento, compromisso e preocupação em aperfeiçoar a tradução dos textos, de modo a respeitar toda a história, poética e representações criadas. Compreendemos que o trabalho aqui apresentado é uma coletânea de correspondências possíveis em língua portuguesa dos poemas originais.

Conforme reflete o historiador Michel de Certeau em "A Escrita da História", não reproduzimos a história, pois tal ação nos é impossível, mas apresentamos aquilo que foi possível esclarecer com o trabalho de recuperação das fontes e do nosso lugar de produção (Certeau, 2017). Alguns podem pensar que "são apenas poemas", mas eles concentram significados, valores e intenções dos sujeitos históricos que os escreveram, através do eu lírico de cada texto, e interpretações diferentes a cada leitor.

Decisões precisaram ser tomadas e muitas análises e reflexões surgiram com as traduções. A estrutura visual dos poemas foi mantida como em suas publicações originais, especialmente a forma das estrofes e separações por traços ou símbolos, quando ocorreram. Também foram inseridas diversas ilustrações, de autoria de Renate, que se baseou em fotos, clichês ou impressos publicados pela tipografia.

Alguns termos foram adaptados para terem sentido

em língua portuguesa. Dois em especial causaram muito debate, os termos *vakars* e o *mūža mežs*. *Vakars*, em língua letã, é o período do dia compreendido entre 17h e 22h, do entardecer ao anoitecer, porém não há termo tão específico em língua portuguesa. Então resolvemos identificar o contexto de aparição em cada poema, para então escolhermos se seria mais propício entendê-lo como entardecer, anoitecer, noite ou outras opções do mesmo campo semântico. Quanto ao *mūža mežs* (atualmente escrito como *mūžamežs*), é um termo único que na Letônia significa selva ou floresta intocada. Porém, se os traduzirmos isoladamente, o *mūža* pode ter o significado de *mūžīgs* (eterno) ou *mūža* (vida ou existência), o que pode gerar entendimentos da tradução como "eterna floresta" ou "floresta da vida".

Para nos orientarmos, encontramos o dicionário *Zinātniskās terminoloģijas vārdnica* (Glossário de terminologia científica), de 1922, uma publicação do Ministério da Educação da Letônia. Nele, os termos estão dispostos em russo, alemão e letão, e *mūža mežs* foi traduzido para o alemão como *urwald*, que corresponde a floresta. Também encontramos um texto intitulado *Muhscha meschs*, publicado no *Brazilijas Latviešu Jaunatnes Gada Grahmata*, de 1930, impresso na tipografia de Palma, em que o autor de pseudônimo Masais Zinis escreve em sua primeira frase: "Intocada pelas mãos da civilização, como uma jovem de coração puro, decorada floresta. Ela lembra o nome brasileiro (matto virgem)" (Zinis, 1930, p. 30, tradução nossa)[5]. Um dos poemas da coletânea apresenta o título *Mūža mežs* e, após análise com Maruta, consideramos manter a tradução como "floresta".

[5] Texto original, em língua letã: *Civilizācijas rokas neaizkārts, kā sirdskaidrā jaunava, grēznojas mūža mežs. To atgādina brazilijas nosaukumus* (matto virgem).

Outro ponto sobre o qual não podíamos deixar de refletir diz respeito à literariedade. Poemas criam paisagens para os ouvidos e, por meio das escolhas de palavras e disposição rítmica, podem ganhar significados a partir do uso de recursos sonoros. Este aspecto foi dos mais delicados, porque queríamos preservar o sentido e, ao mesmo tempo, prestarmos atenção aos efeitos de sua sonoridade em língua letã. Antonio foi muito cuidadoso em seu processo de trabalho, ao propor uma leitura acompanhada de cada poema, localizou em cada estrofe em língua original as posições de ocorrência das rimas e outras características estilísticas, então procurou criar estruturas correspondentes em suas versões em língua portuguesa.

Assim, neste trabalho coletivo a partir das traduções com a rigorosa revisão de sentido, também quisemos proporcionar aos leitores uma experiência literária com a graciosidade das rimas. Dentre tantos outros brasileiros, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, em seus trabalhos de tradução, utilizaram-se de estratégias similares para alcançar seus objetivos de expressão (Aseff, 2020). Como citou o poeta e tradutor Ivan Junqueira:

> A rigor e sem exagero, a tradução exige esforço mais extenso e intenso do que a criação propriamente dita, sobretudo quando se trata do traslado de textos poéticos, nos quais, além de todas as especificidades [...], resta ainda ao tradutor o desafio de interpretar o pensamento do autor, sem falar nos problemas de atmosfera poética, que é necessário recriar em outra língua, e, intimamente vinculado a estes, o da escolha do vocabulário, pois há palavras que podem suscitar uma sugestão poética em determinada língua e em outra, não, caso se trate de uma tradução literal. É nesse resgate de equivalências que reside o mérito de qualquer tradução. E pode-se dizer até que a maior virtude de qualquer espécie de tradução é não dar nunca a impressão de que o foi (Junqueira apud Aseff, 2020, p. 98-99).

Um outro desafio que encontramos, que o texto acima cita, refere-se a algumas expressões dos poemas originais. Em língua letã, é bastante comum o uso do diminutivo como uma forma carinhosa de se dirigir ao outro. Foram muito frequentes termos como *pulkstentiņš* (reloginho), *galviņu* (cabecinha), *dārziņā* (jardinzinho), *rozīte* (rosinha), dentre outros. Mas, em língua portuguesa, os diminutivos podem ser bastante polissêmicos. A depender dos contextos de alguns dos poemas, mantivemos a forma diminutiva, em outros acrescentamos o termo "pequeno", como "pequena canção" ou "pequena rosa", houve alguns casos ainda quando optamos por não o utilizar.

Outros critérios também precisaram ser definidos e acreditamos que cada leitor poderá propor novas sugestões e versões durante sua leitura, queremos estimular o exercício de ponderação e inspiração conjunta quanto aos poemas aqui apresentados. Acreditamos que belas versões podem surgir de quem se propuser a refletir sobre os cotidianos e as imagens acionadas.

Leitores fluentes em língua letã podem estranhar algumas das formas com as quais os textos foram escritos originalmente, até mesmo em exemplos utilizados nesta apresentação. Conforme pontuamos antes, as letras para impressão adquiridas com o início da tipografia eram para escrita em língua portuguesa, que é de origem latina. A língua letã tem características diferenciadas de acentuação e, por conta disso, foi necessário adaptar palavras com acentos que os editores não tinham na tipografia. Privilegiamos a forma original com a qual foram escritas, a exemplo da revista *Jaunais*

*Lihdumneeks*, que atualmente seria *Jaunais Līdumnieks*, ou o suplemento *Meera Wehsts*, que seria *Miera Vēsts.*

Esses e tantos outros questionamentos surgiram da preocupação de reunir uma coletânea que trouxesse o valor histórico da memória de seus autores e editores, bem como disponibilizá-las aos seus leitores e declamadores. Entendemos que muitos debates sobre os textos surgirão e acreditamos que servirão como inquietações e curiosidades a quem desconhece o legado tão importante deixado por estes homens e mulheres que se dedicaram à expressão poética.

Cem anos após a chegada ao Brasil, aqui estão reunidas algumas das representações de suas histórias, sensações e indagações, dedicadas a todos aqueles que ainda querem se aproximar e propagar a força da sua memória.

Boa leitura!

**Sibila Lilian Osis**
Membro da Associação Brasileira
de Cultura Leta
PROPEd/NEPHE/UERJ
Docente da UEA
Bolsista de Doutorado do CNPQ

**Renate de Carvalho Albrecht**
Presidente da Associação Leta
da América do Sul e Caribe (ALASC)

## Referências


ASEFF, Marlova Gonsales. Poetas-tradutores: quando a tradução encontra a criação. *Cad. Trad. (Florianópolis)*. v. 40, n. 3, p. 92-108, 2020.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história**.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

EICHMAN, Arw; ROSENBERGS, J. Darbwescha peesihmes. *Meera Wehsts*, n.1, p. 16, 1925.

FONSECA, Hugo. Entre salmos e parábolas: leitura bíblica a partir da análise teológico-literária. *Revista Caminhando.* v. 15, n. 2, p. 130-142, 2010.

J.I. Wahrpas draudschu apweenotee svehtki 14. aprili. *Kristigs Draugs*, n. 4, aprilis, 1940.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de; ALVES, Gabriela Santos. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: O diálogo entre a história e literatura. *Revista Cantareira*, n. 4, 2003. Disponível em: https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27791.

RONIS, Osvaldo. Uma epopéia de fé: a história dos batistas letos no Brasil. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974. 633 p.

SILVA, Márcia Cabral da. Leitura, pesquisa e ensino. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 204 p.

TUPES, Milia. Da aurora ao crepúsculo – estudo sócio-religioso da colonização leta de Varpa e comunidade de Palma. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1988. 126 p.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Letras (Curitiba).* n. 44, 185-196, 1995.

ZINIS, Masais. Muhscha meschs. In: Wahwera, R., Rosenberg, J. *Brazilijas Latvieschu Gada grahmata 1930*. Wahrpa, p. 30-31.

**Caros leitores!**

Quando estes poemas de longa data chegaram a minhas mãos, fiquei muito surpresa com sua linguagem rica e eloquente. Às vezes, até esqueço que eles foram escritos com tanta distância temporal – alguns há quase cem anos –, quanto a uma grande distância geográfica da Letônia e de sua língua viva. Neles, é comum percebermos pensamentos, sentimentos e emoções modernas. Ao mesmo tempo, o fluxo, o ritmo e o som de sua poesia caracterizam vividamente a tradição poética e o modo de expressão da época.

O mundo avançou, a língua permanece em constante evolução e transformação. Algumas palavras desaparecem, outras novas surgem – que são apropriadas aos tempos. Entretanto, nestes textos pareceu muito importante preservar algumas evidências específicas das formas linguísticas de outrora, deixando-as em sua ortografia original e não as alterando de acordo com os padrões ortográficos modernos.

Isto se aplica sobretudo à representação de letras e sons, com especial atenção à letra "ŗ" suave. Ela é histórica do alfabeto letão, utilizada em todos os escritos até o século 20. Foi gradualmente desaparecendo, sendo removida em 1938, depois restaurada, mas finalmente deixou de ser usada em 1946. Os autores de Varpa preservaram a ortografia suave, testemunho do seu período de escrita.

As várias formas peculiares de palavras preservadas nestes versos, por causa de seu uso histórico, podem parecer igualmente incomuns para o leitor hodierno. “Otris”, “katris”, “tāļš”, “līgms”, “akmins”, “brīnišks”, “bārgi”, “muzika”, “smarša”... Modernamente, elas devem ser “ajustadas” de acordo com as normas, aqui serão lidos em sua grafia original. As “irregularidades” de sintaxe que ocorrem, sejam como resultado da expressão artística dos autores, sejam ditadas pelas regras de antes, também foram mantidas.

Desejo que os leitores apreciem os poemas selecionados a compor esta obra e que tenham uma visão tanto da eloquência da linguagem poética do século passado, quanto da observação do mundo pelos autores e sua mensagem sobre a vida em Varpa.

Atenciosamente,

**Maruta Babule**
Editora, em Riga, Letônia

**Cienījamie lasītāji!**

Kad manās rokās nonāca šie sen tapušie dzejoļi, biju ļoti pārsteigta par to daiļskanīgo un bagāto valodu. Brīžiem pat piemirstas, ka tie rakstīti gan ar laika distanci – daži gandrīz pirms simts gadiem -, gan lielā attālumā no Latvijas un tās dzīvās valodas. Tajos nereti varam uztvert mūsdienīgu domu, izjūtas un emocijas. Vienlaikus šīs dzejas plūdums, ritms un skanējums spilgti raksturo tā laika poētisko tradīciju un izteiksmes veidu.

Pasaule ir gājusi uz priekšu, arī valoda ir dzīva un nemitīgi attīstās, pārveidojas. Daži vārdi izzūd, rodas jauni – laikmetam atbilstoši. Tomēr šajos tekstos šķita ļoti būtiski vietām saglabāt dažas īpašas tā laika valodas liecības, atstājot tās oriģinālajā rakstībā un nelabojot atbilstoši mūsdienu rakstības noteikumiem. Pirmām kārtām tas attiecas uz burtu un skaņu atveidi, īpaši pievēršoties mīkstajam ŗ burtam. Tas ir vēsturisks latviešu alfabēta burts, kas līdz 20. gadsimtam tika lietots visos latviešu tekstos. Pamazām tas izzuda no sarunvalodas, 1938. gadā izņemts no alfabēta, tad atjaunots, bet galīgi pārstāts lietot 1946. gadā. "Vārpas" autoru dzejoļos visur saglabāta mīkstā ŗ rakstība kā laikmeta valodas liecība.

Tikpat neparastas mūsdienu lasītājam var likties dažādas savdabīgas vārdu formas, kas saglabātas tekstos to vēsturiskā lietojuma dēļ. "Otris", "katris", "tāļš",

”līgsms”, “akmins”, “brīnišks”, “bārgi”, “muzika”, “smarša”... Mūsdienu dzejā šos vārdus pienāktos “sakārtot” atbilstoši valodas normām. “Vārpas” dzejoļos lasīsim tos oriģinālajā rakstībā. Tāpat saglabātas arī sintakses “nepareizības”, kas tekstos sastopamas vai nu autoru mākslinieciskās izpausmes rezultātā, vai arī tā laika rakstības noteikumu diktētas.

Novēlu lasītājiem izbaudīt šajā dzeju izlases grāmatā iekļautās vārsmas un iegūt priekšstatu gan par pagājušā gadsimta poētiskās valodas daiļskanību, gan autoru pasaules vērojumu un vēstījumu par dzīvi “Vārpā”.

Ar cieņu

**Maruta Babule**
Redaktore Rīgā, Latvijā

## O CAMINHO DOS POEMAS

Apsēdies un pārdomā,
Pirms tu kautko darīt sāc,
Vai pa godam pabeigsi?
Tad tik materiālu vāc.

EZERA VILNIS, Torņa būvētājam

Sente-se e reflita,
Antes de qualquer empreitada inicial,
Terminará honradamente?
Então prepare o material.

EZERA VILNIS, Ao construtor da torre

Os poemas da presente coletânea chegaram ao meu conhecimento em uma videochamada com Sibila Lilian Osis, com quem aprendo sempre mais a respeito da cultura letã, em especial sobre a migração ao Brasil, da qual se comemora o centenário neste ano. Desde o princípio, atraiu-me a história tão repleta de coragem dos letos, ao enfrentarem o mar da separação da terra natal e aportarem do outro lado do Atlântico, ato de fé.

A semente do respeito por tal percurso histórico germinou, cresceu e floresceu em encantamento, ao ser exposto às estrofes e versos com os quais passaria a trabalhar. De pronto, aceitei o convite de compor a equipe de tradução literária, com o propósito de me dedicar principalmente ao segundo aspecto, o da literatura. Ou seja, recriar uma possibilidade em língua portuguesa da literariedade dos textos originais, sua poesia.

Não é uma empreitada simples, por algumas razões. A primeira, uma limitação mais pessoal, eu não conhecia a língua letã. Decerto agora, ao fim do percurso, considero-me ao menos iniciado e até desejo aprofundar futuramente. De qualquer maneira, com as minhas habilidades atuais e com o tempo à nossa disposição, cumpri a tarefa de transformar as versões literais, consensuais entre o conjunto dos tradutores, em correspondências literárias.

Correspondência é termo importante, porque diz respeito à segunda dificuldade do processo. Todas as línguas são diferentes entre si, mesmo aquelas pertencentes à mesma família linguística, por exemplo, a italiana e a francesa. As diferenças aumentam consideravelmente se a comparação for feita entre famílias distintas, neste caso, a românica língua portuguesa e a báltica língua letã, mesmo se pertencem ao mesmo tronco linguístico indo-europeu. Ainda assim, não é uma questão apenas de estrutura, gramática ou léxico. As línguas guardam ligações intrínsecas com as culturas, as quais nomeiam e significam a realidade diversamente, com o passar dos séculos.

Por conseguinte, traduzir não é uma atividade mecânica de equivaler uma palavra de uma língua com uma encontrada em outra. O processo é genuinamente de criação, de formulações com o maior grau de fidelidade exequível de outras formas de dizer, correspondentes em sentido, mas nunca equivalências diretas, sempre com perdas. Ênfase neste plural empregado, porque o original é uma publicação singular, mas as possibilidades de traduzi-lo serão tantas quantas forem elaboradas, em quaisquer línguas. Oferecemos as nossas, não apenas à apreciação, mas ao estímulo da criatividade.

O terceiro desafio é justamente o aspecto da fruição estética, o fazer poético é uma expressão artística. Se traduções não literárias têm sua carga considerável de labor criativo, devido às muitas alternativas viáveis aos significados originalmente propostos, imaginem a de realizá-las a partir de escritos cujas funções características são as de representar artisticamente a realidade com os recursos da sua língua, explorar seus

campos semânticos, estimular as suas ambiguidades lexicais, usar das peculiaridades de sua sonoridade em elementos poéticos: o verso, a métrica, a estrofe, a rima e o ritmo.

Katrai miesai kļūdas savas,
Kam lai būtu pilnīgs darbs?
Dažs top vilts no mantas, slavas,
Cits par patiesību skarbs.
Skaudības un naida sēkla
Iekrīt sirdī nemanot,
Paštaisnības zemē seklā
Ātri aug un ražu dod...
Vai tev sirdī dzisa viņa,
Mīlestības uguntiņa?

KALNU JĒKABS, Uz vienu mērķi

Toda carne tem os seus defeitos,
Quem pode dar ao seu trabalho a perfeição?
Alguns se enganam com tesouros, altos conceitos,
Outros em dura realidade estão.
Da inveja e do ódio caem as sementes
Sem serem notadas dentro do coração,
Crescem rápido e grande colheita rendem
Em terras rasas de contestação...
Será que ele se apagou em seu interior,
O fogo do amor?

KALNU JĒKABS, Por um objetivo

O processo impôs algumas escolhas, sempre imperfeitas, tanto por nossas limitações frente à responsabilidade, apesar do desejo de fazer jus a ela, quanto por detalhes inerentes ao tipo de exercício intelectual empreendido. Desde o começo, decidimos dar prioridade à forma em versos, dentro de suas respectivas estrofes e, quanto à musicalidade, marcamos com rimas as mesmas posições finais. Entretanto, fez-se necessário não as dotar de métrica e ritmo análogos, por agora. De modo geral, cada poema trouxe diversas

particularidades, gerou questionamentos e incitou preferências de composição.

Pouparei os leitores dos tantos debates gramaticais ocorridos, das hesitações em torno de determinadas construções, das procuras por sinônimos, das experimentações rimadas, foram horas e horas de muita dedicação aos cenários imaginados por quem os escreveu. Talvez este seja o traço mais marcante da expressão poética das autorias imigrantes aqui compiladas, conforme Sibila pontuou em uma das nossas reuniões, são paisagens sonoras. Belíssimas, por sinal.

Proponho uma exemplificação do processo seguido com todos os poemas, a começar por sua versão em língua letã:

Ceļnieks vientulis gāja…
Spīdēja tikai vēl gaismiņa vāja;
Saule jau sen aiz kalniem grima,
Tālumā putnu dziesmas rima…

Ietrīcas vientuļā ceļnieka dziesma,
Kamēr tam krūtīs deg pēdējā liesma.
- - - - - - - - - - - - - - -
Beidzās drīz dziesmiņa īsa,
Satumsa nakts…

ŠARLOTE, Satumsa nakts...

Em seguida, o consenso de sentido literal, de acordo com os tradutores e revisores da equipe:

Um viajante solitário andava...
Brilhava apenas uma pequena luz fraca;
Já faz tempo que o sol afundou atrás das montanhas;
Longe, o canto das aves acalmou...

De repente treme a canção do viajante
Enquanto arde sua última chama no peito.
- - - - - - - - - - - - - - -
Logo findava a curta canção,
Escurecia a noite…

ŠARLOTE, Escurecia a noite

Por fim, a recriação poética correspondente, a partir dos significados acima, apontados com a tradução:

Solitário seguia um viajante...
Sob o brilho de uma pequena luz vacilante;
Há tempos o sol afundou atrás das montanhas,
Longe, o canto dos pássaros não mais o acompanha...

Repentinamente a canção do viajante se interrompe
Enquanto a última chama do seu peito irrompe.
- - - - - - - - - - - - - - - -
Logo findaria a curta melodia,
Escurecia a noite…

ŠARLOTE, Escurecia a noite

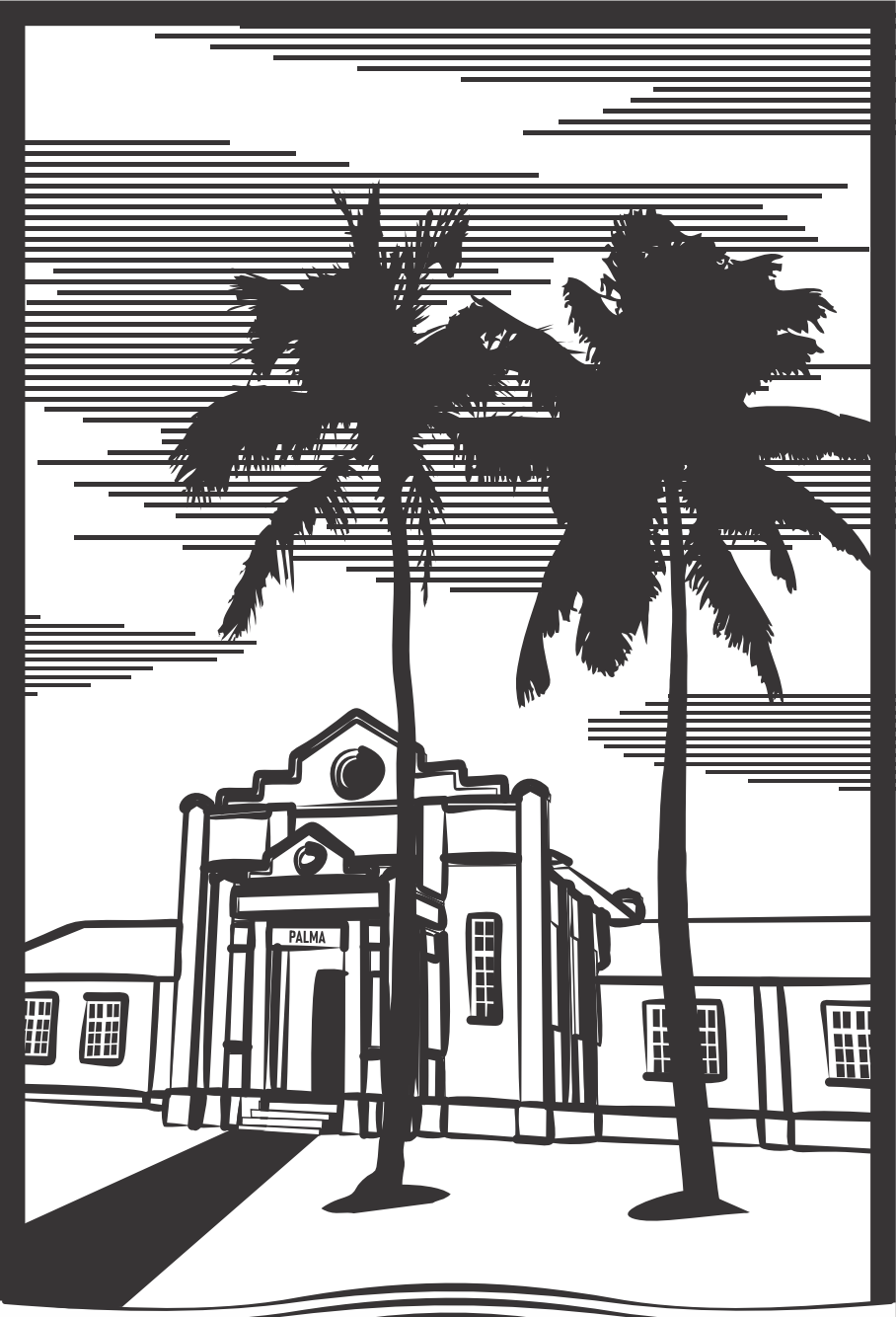
Publicado em setembro de 1931, os versos narram o caminho de certo viajante e o sentimento de solidão os perpassa, não à toa optei por iniciar com "solitário". Além disso, há uma sensação de fragilidade, a luz é vacilante, o sol afundou atrás das montanhas, praticamente não se ouve mais os pássaros e, justo neste instante, quando ocorre uma percepção da distância de outros seres vivos, a canção do viajante se abala e o momento posterior conta arder a última chama em seu peito. Depois, foram utilizados traços, de modo a marcar uma suspensão ou uma transição, estratégia recorrente. Então a curta melodia finda e somos deixados com a impressão de seu fim também ser o do viajante, especialmente porque a própria rima deixou de acontecer neste final, feito algo o interrompesse antes de terminar, quem sabe a sua visão escureceu junto com a noite. Propositalmente, selecionei "melodia" ao fim do penúltimo verso, porque muito facilmente o desfecho poderia rimar com "A noite escurecia", mas a inversão causa a quebra estrutural e intitula o poema, reforça assim a sensação de interrupção repentina, a chama irrompeu do peito...

Ficam explícitos o circuito de interpretação e o jogo com a linguagem poética empregados, o mesmo ocorreu com os 50 poemas, dos menores ao maiores. Alguns geraram mais de uma versão, com a seleção posterior de qual comporia a reunião, de fato. Demonstro assim a viabilidade de múltiplas traduções possíveis.

Foi uma honra conviver e até sonhar com as imagens de autores e autoras tão sensíveis, de imaginação tão rica, tão atentos à natureza ao seu redor. Em diversos momentos eu me emocionei, ao pensar sobre as representações criadas, lembrar a quais acontecimentos ou lugares elas se referem, após ser informado das difíceis experiências relatadas em outras publicações sobre o cotidiano dos imigrantes ao chegarem e a perseverança em tornarem o Brasil o seu lar, a montanha do sol.

Ainda assim, em meio a todas as adversidades, tantos encontrarem em poesia uma oportunidade de elaborar os próprios sentimentos e percepções do mundo, tão distantes das suas origens, é testemunho da vitalidade da cultura letã. O propósito é retransmitir os efeitos da arte com as palavras, a qual certamente nutriu a alma de leitores quando foram publicados antes e agora renascem, com versões em língua portuguesa. Nestes cem anos da imigração, dedico a todos os leitores o resultado de uma empreitada honrada, uma coletânea de poemas de presente.

**Antonio Felipe Oliveira**
Escritor, Consultor e Revisor Textual




# CAMINHOS DA FÉ

# TICĪBAS CEĻI

## MĒS CEĻOJAM...

*Kalnu Jēkabs*

No Pagātnes valsts mēs ceļojam
Caur Tagadnes zemes dzīvi
Uz Nākotnes zemi tāļajo,
Lai būtum tur laimīgi, brīvi.

Kā ceļa biedre mums Ikdiena,
Ar kuŗu mēs kopā ejam,
Mūs pavada Prieki un Asaras
Pa sadzīves kalniem un lejām.

Mums rokā ir spieķis – Ticība,
Uz kuŗa mēs atbalstāmies,
Un tālē mirdz zvaigzne – Cerība,
Caur kuŗu mēs nešaubamies.

Kā ceļa maize mums – Dieva vārds,
Kā vadonis – Mīlestība,
Un brīnišķīgs spēka Avotiņš
Mums – Lūgšanas, vienprātībā...

Mēs ejam... Tāļš, gŗūts ir mūsu ceļš,
Ne katrs to labprāt ietu.
Jau kājas gurst ceļa putekļos
Un prasa atdusas vietu...

Bet gaiši mirdz zvaigzne – Cerība,
Uz viņu mēs skatus veŗam –
Klīst migla, zūd rūpes un nogurums,
Un ciešāk mēs spieķi tveŗam...

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 2, marts, 1930.*

## Nós viajamos

*Kalnu Jēkabs*

Do país do Passado nós viajamos
Por uma vida em terras de Presente perpétuo
Até a longínqua terra do Futuro,
Onde seremos felizes, libertos.

Todos os dias são nossa companhia,
Unidas à comitiva de viagem,
As companheiras Lágrimas e Alegrias
Junto às montanhas e vales.

Temos um cajado em nossas mãos – a Fé,
Com o qual nos apoiamos,
E à distância brilha a estrela – a Esperança,
Da qual não duvidamos.

O pão da caminhada – a palavra de Deus,
Como líder – o Amor,
E uma maravilhosa Fonte de poder
Nós – Unidos em oração e clamor...

Nós seguimos... Longo e difícil é nosso caminho,
Nem todos vão de bom grado.
Os pés se cansam com a poeira do percurso
E pedem repouso em algum lugar de seu agrado...

Mas a estrela brilha intensamente – a Esperança,
Para ela nós direcionamos o olhar –
Dissipam-se a névoa, as preocupações e a fadiga,
Do nosso forte cajado não iremos soltar...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 2, março, 1930.*

## Uz vienu mērķi

*Kalnu Jēkabs*

Cīnoties par mērķi vienu,
Kur ir tavi biedri, brāļi?
Vienprātības pavedienu
Met jel viņiem tuvi, tāļi!
Sirds ar sirdi – roku rokā,
Plecs pie pleca – darbu veikt;
Pirms dziest saule debess lokā
Katram savā gaitā steigt.
Vai tev krūtīs kvēlo viņa,
Labās gribas uguntiņa? –

Katrai miesai kļūdas savas,
Kam lai būtu pilnīgs darbs?
Dažs top vilts no mantas, slavas,
Cits par patiesību skarbs.
Skaudības un naida sēkla
Iekrīt sirdī nemanot,
Paštaisnības zemē seklā
Ātri aug un ražu dod...
Vai tev sirdī dzisa viņa,
Mīlestības uguntiņa?

Gara prātā atjaunoties
Vajaga it visiem mums,
Mīlestībā pazemoties
Māca evanģelijums.
Nāks tad atspirgšanas laiki,
Dieva spēks tad redzams kļūs;
Zudīs pašdarbības tvaiki,
Dieva prāts ja darīts būs.
Un tad sirdī liesmos Viņa,
Svētā Gara uguntiņa!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, janvāris, 1929.*

## Por um objetivo

*Kalnu Jēkabs*

Ao lutar por um objetivo,
Irmão, onde estão seus camaradas?
O fio do consenso que os motiva
Aproxima-os, depois os aparta!
Coração com coração – mão com mão,
Ombro a ombro – faça o serviço;
Antes de o sol se pôr em sua fundação
Cada qual em seu próprio ritmo.
Será que em seu peito ela arde,
A chama do fogo da boa vontade? –

Toda carne tem os seus defeitos,
Quem pode dar ao seu trabalho a perfeição?
Alguns se enganam com tesouros, altos conceitos,
Outros em dura realidade estão.
Da inveja e do ódio caem as sementes
Sem serem notadas dentro do coração,
Crescem rápido e grande colheita rendem...
Em terras rasas de contestação
Será que ele se apagou em seu interior,
O fogo do amor?

Do espírito nos renovamos
De sermos humildes em amor
Todos nós precisamos,
O Evangelho ensina seu valor.
Então virão os tempos de regeneração,
O poder de Deus se manifestará;
As névoas da vontade própria desaparecerão,
A vontade de Deus prevalecerá.
Em todo coração arderá então
O fogo do Seu Espírito Santo!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, janeiro, 1929.*

# Tapt/ Dzīvot/ Mirt

*Jūrmalnieks*

## Tapt

Ikkatris puteklīts ir kautkā cēlies,
Viss esošais zem saules ir kautkas;
Ik niecīgs rasas piliens ir no jūŗas smēlies,
– Kas esi tu? Varbūt tu esi vēl – nekas.

Lai dzīvotu, tad pirmāk t a p t jel mācies -
Šis pirmais burts ir dzīves ābecē -
Lai nenāk tevīm gals, pirms pats vēl esi sācies.

Tik ievēro, ka katrs sākums gŗūts,
Ka nepabeigtais tornis tevi neapsūdz.

## Dzīvot

Mazs rasas piliens zāles galā bija,
Kad nāca saule spožās liesmās degt;
Bet vēlāk viņu vairs tur nemanīja...
– Tā nebūs dzīvei tavu dzīvi segt.

Kā tērauds – atkāpies, bet nepadodies!
Ja pārspēks tevi beidzot tomēr žņaudz,
Tad citā veidā viņam pretī rodies.

Tik neaizmirsti: dzīvot – tas ir spēks,
Bet spēka vecais ienaidnieks ir grēks.

## Mirt

Priekš kalpa – mirt ir saņemt darba loni,
Priekš baudītāja – kausa mieles sūkt;
Kad zelta pavedienam reizi trūkt,
Tad varonis ies saņemt kroni!

No nāves tikai miroņiem nāk baisma,
Caur Kristus nāvi dzīvais mūžam dzīvs,
Priekš viņa – mirt ir lielā rīta gaisma.

Caur nāvi nāvi uzvarēja dzīvo Dievs!
Caur nāvi dzīvie Dieva valstī ies!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1930.*

# Ser / Viver / Morrer

*Jūrmalnieks*

## SER

Até a poeira de alguma maneira foi formada
Tudo sob o sol uma origem requer
A gota de orvalho do mar é evaporada
– O que você é? Talvez ainda – nada sequer.

Para viver, primeiro é preciso aprender
É a primeira letra do ABC da vida
Para que não venha o seu fim, antes de compreender.

Mas reflita, cada começo tem sua dificuldade,
Que a torre inacabada não te condene em tão tenra idade.

## VIVER

Havia uma pequena gota de orvalho sobre a grama,
Quando veio o sol queimá-la em chamas brilhantes;
Depois não foi mais vista como água que se derrama...
– Não se recobriu mais com a vida de antes.

Como aço – funde-se, mas não desista!
Porém se uma potência superior te dominar
De alguma outra forma resista.

Apenas se lembre: isto é ser forte – viver,
Mas o inimigo da força é o pecado, jamais esquecer.

## Morrer

Para o servo – morrer é receber seu galardão,
Para o festeiro – é sorver da taça a última gota;
Uma vez que o fio de ouro se corta,
O herói receberá sua coroação!

Da morte apenas os mortos sentem medo,
Através da morte de Cristo, vive-se a vida eterna,
Por causa dEle – morrer é a aurora do sossego!

Através da própria morte a derrotou o Deus vivo!
Por Sua morte os vivos herdarão o reino divino!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1930.*

## Bērnam

*Kalnu Jēkabs*

Tu esi bērns vēl nevainīgs,
Kas spulgām acīm dzīvē skatās,
Un skaidrība un dzīves prieks
Mirdz tavās bērna acīs platās.

Kā rožu pumpurs pusplaucis
Tev dzīve veŗas gaišās krāsās,
Un ilgas, sapņi, cerības
Ir tavas mīļās, maigās māsas.

Tu esi bērns vēl nevainīgs –
Un kamēr rīta stunda valda,
Vēl ilgām spārni zeltoti,
Un dzīve mīļa ir un salda.

Bet piemini, bērns, diena nāks,
Kur vītīs cerības kā lapa, –
Kur klusēdams tu stāvēsi
Pie savu ideālu kapa…

Tu esi bērns vēl nevainīgs,–
Nāc, atdod Jēzum sirdi savu!
Viņš krusta ēnā paglabās,
Viņš sargās dzīves teku tavu!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 6, novembris, 1929.*

## Para uma criança

*Kalnu Jēkabs*

Você é uma criança ainda inocente,
A vida observa com olhos brilhantes,
E a clareza e a alegria de viver
Cintilam em seu olhar impressionado de infante.

Como um botão de rosa semiaberto
Sua vida desabrocha e de cores se clareia,
E anseios, sonhos, esperanças
São suas queridas e gentis companheiras.

Você é uma criança ainda inocente –
E enquanto reina a hora da alvorada,
Ainda se douram as asas da saudade,
E a vida é doce e amada.

Mas lembre-se, criança, o dia chegará,
Quando murchará a flor das esperanças irreais –
Quando em silêncio permanecer
Diante da tumba dos seus ideais...

Você é uma criança ainda inocente –
Venha, entregue a Jesus seu coração!
Ele te protegerá à sombra da cruz,
Ao trajeto de sua vida dará sustentação!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 6, novembro, 1929.*

## Trīs gājumi

*Jūrmalnieks*

Pats pirmais gājums ir dienas gājums
Pie tava mazā un slimā brāļa;
Pa vaigu viņam rit lēnām, klusi
Tik liela as'ra, tik rūgti sāļa.

Un otris gājums ir gada gājums
Pie ļaunā saknes, pie sevis paša,
– Tu pārsteigts raugies: ap tevi nāve!?
No tavām krūtīm plūst viņas dvaša.

Un trešais gājums ir mūža gājums
Pie svētā Dieva, ko šķīstie skatīs;
Kas sirdīs skaidri, nāks Viņam tuvu,
Tie debess gaismu no Viņa matīs.

## Três caminhadas

*Jūrmalnieks*

A primeira caminhada é a do dia
Para ver seu pequeno irmão doente;
Escorrem devagar por seu rosto, caudalosas
Lágrimas tão amargas, silenciosamente.

E a segunda caminhada é a do ano
Ao se aproximar da raiz do mal, em si mesmo
– Você olha surpreso: A morte ao meu redor!?
O fôlego flui do seu peito.

E a terceira caminhada é a da eternidade
Para o santo Deus, a quem os puros verão;
Aqueles de coração limpo, próximos a Ele,
Sua luz celestial conhecerão.

*Kristigs Draugs, n. 3, março, 1933.*

## Kungs, atpakaļ pie Tevis!

*Upmalietis*

Kā strautiņš mazs, kas pazūd jūras dzelmē,
Tā Kungs es Tevī ieplūst vēlos –
Lai beidzas mana paša dzīves gaita,
Un esmu tur, kur reiz es cēlos.

Ir apnicis man savā vaļā tecēt…
Nu steidzos cauri laukiem, tuksnešiem,
Lai sniegtu tikai Tevi, plašā Jūra,
Un bangās celtos tad iz dziļumiem.

Ar Tevi Jūra, vētrainā un lielā,
Es grēku klintis drupās šķelšu –
Pret ikdienības kailo smilšu krastu
Es ienaidu uz mūžu celšu.

Iekš Tevis Jūra, mīlīgā un rāmā,
Tīts saules palagos es dusēšu.
Pret pasauli un viņas smaidiem – remdens,
Pats sevim miris – Tevī klusēšu…

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, oktobris, 1926.*

## Senhor, retorno a Ti!

*Upmalietis*

Como um riacho que desaparece no fundo do mar,
Senhor, assim deságuo em Ti –
Que o curso final da minha própria vida,
Leve-me a retornar de onde antes parti.

Estou exausto de fluir livremente...
Apresso-me, por entre os verdes campos e desertos,
Somente para alcançá-Lo, vasto Mar.
E das tuas correntezas profundas ser recoberto.

Contigo, ó Mar imenso e tempestuoso
As rochas do pecado em ruínas transformarei
Contra a costa nua e arenosa da vida cotidiana
Por toda a eternidade as rejeitarei.

Dentro de Ti, ó Mar sereno e calmo,
Envolto em lençóis de sol, é chegado o descanso.
Contra o mundo e seus sorrisos – tedioso,
Morto para mim – Em silêncio manso...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, outubro, 1926.*

## Ziemsvētku rīts

*Kalnu Jēkabs*

Tuvi un tāli skan priecīgā vēsts.
Pienācis atkal ziemsvētku rīts!
Atnesdams debesu dāvanas līdz:
“ Pestītājs dzimis!” - teic eņģeļa vēsts.

Betlemes silītē, autiņos tīts,
Lūkojas pretim mums - Dieva Dēls,
Pasaules Glābējs un varonis cēls, -
Sātans no viņa taps samīdīts…

Gavilē zeme un līgsmojies sirds:
Debesu ķēniņš pie tevis nāk,
Savus ļaudis viņš atpestīt sāk -
Rīta Zvaigzne pār tevi mirdz!

*Rihta Rasa, Nr. 1, 1925.*

## Manhã de Natal

*Kalnu Jēkabs*

Ressoa por perto e ao longe a mensagem de alegria.
Novamente é manhã de Natal!
Trazendo com ela o presente celestial:
"O Salvador nasceu!" – o anjo a todos anuncia.

Em uma manjedoura de Belém, envolto em panos,
Desceu até nós o Filho de Deus
Nobre herói e Redentor dos seus, -
Ele pisoteará Satanás e seus planos...

Regozije-se a terra e alegre-se o coração:
O rei celestial veio ao encontro de todos,
Ele começa a redimir seu povo –
A Estrela da Manhã brilha sobre a multidão!

*Rihta Rasa, n. 1, 1925.*

## Miera stāsts

*Svešinieks*

Kā jauka, maiga dziesmiņa,
Kā brīnišķīga muzika,
Kā mātes rokas gleznais glāsts -
Tik brīnumdaiļš ir miera stāsts.
Tur Betlemē reiz skanēja
Šī krāšņā miera dziesmiņa…
Un tagad plašā pasaulē
Daudz miera bērnu gavilē.
Šo mieru Jēzus atnesa
Un lej ikkatrā sirsniņā,
Kas Viņa priekšā atveras
Un pilnīgi Tam nododas.
Ak laime, prieks! Kas izteikt spēs,
Ko dāvājis mums debess Tēvs?! -
Lai pielūdzam un teicam To,
Kas mūsu sirdis aplaimo!

*Rihta Rasa, Nr. 1, 1925.*

## História de paz

*Svešinieks*

Como uma suave e bela canção,
Como uma melodia encantadora,
Como o alento das mãos de uma mãe carinhosa –
História de paz tão preciosa.

Lá em Belém uma vez soou
A paz gloriosa desta bela canção
E agora por toda a vastidão do mundo
Expande-se a paz das crianças em triunfo.

Esta paz Jesus trouxe
E derrama em cada pequeno coração
Que diante dEle se estende
E por inteiro a Ele se rende.

Ó felicidade, alegria! Quem poderá expressar,
O que o nosso Pai celestial nos presenteou?! –
A Ele adoremos e louvemos,
Em nossos corações regozijemos!

*Rihta Rasa, n. 1, 1925.*

## Lūgšana

*A.B.*

Man dārziņā klusā zied puķīte –
Mirdz debess tās ziediņos zilos.
Pār puķēm it visām šo mīlu es,
Lai dārzos tās, pļavās, vai silos.
Man kādreiz daudz puķu bij dažādu –
Kā smaragds, kā rubīns, gan baltas;
Daudz brīnišķu ziedu izplauka,
Bij rozes, bij lilijas staltas.

Tur mirdzošās krāsās visskaistākās
Man ziedēja svešzemju stādi –
No kalniem, no lejām, no ūdeņiem,
Cik vien man bij zināmi kādi.
Tos ieguvis tiku un dēstījis
Ar pūliņiem sūriem un gŗūtiem;
Tak beidzot daudz prieka man nebija
No visiem šiem dārgumiem gūtiem.

Tik puķīte zilajiem ziediņiem,
No klintszemes cietas kas plauka,
Kā brīnums bij manim, to mīlēju –
Tās smarša tik salda, tik jauka.
Tā nospiesto garu man priecēja
Un gaišumu sirdī man nesa –
Kad viņas ziediņi šķīstākie,
Par mieru un svētlaimi dvesa...

Kad nolicis darbu es vakarā
Uz dārziņu viesoties gāju,
Ar pukstošu sirdi vismīļāki
Pie mazajās puķītes stāju.
Tur debesis tuvāk man izlikās,
Tur dziedēju nemieru savu,
Kad viņas dzidr-zilajiem ziediņiem
Sev liegi uzsmaidīt ļāvu.

Tad izgaisa bēdas un ciešanas,
Tad apklusa raudas un vaidi,
Un prieks nāca sirdī un līgsmība,
Un sejā man atplauka smaidi.
Pat putniņi dziedāja priecīgāk
Un zvaigznītes spulgoja košāk
Un vakara vēsmiņa šalkoja
Vēl maigāk un aicinošāk...

Bet reizi, kad atkal jau agrumā
Es dārziņā savējā gāju,
Tad velti vairs mīļajo puķīti
Tur saskatīt mēģināju...
Pa nakti, pa tumsu, kad visi dus,
To salna bij kodusi klusi –
Vairs nebija zilajo ziediņu –
Tā gulēja – savītusi...

Ko darīt man bija? Ko iesākt nu? –
Ak, visam un visam ir beigas!
Kāds saldums vairs pāri man palicis
No dienas darba un steigas?
- Vēl vakar šeit kavējos klusībā,
Pie ziediņiem vaigu vēl glaudu,
Bet tagad – bet tagad – šeit vientulis –
Es noskumis stāvu un raudu...

Daudz asaru lija un slacīja
Tās puķītes kapiņa vietu...
Vēl tagad – ne izteikt es nevaru,
Cik ļoti dēļ viņas es cietu.
Bet, atkal kad galvu es pacēlu –
Ko tad es tur ieraudzīju?
Jauns asniņš no zemes tur izaudzis,
Ko asarām laistījis biju!

Un prieks atkal saulains bij dvēselē
Un asaras zuda bez pēdām –
Nu īsti tik jutu, ka saulīte,
Daudz skaistāk vēl atspīd pēc bēdām.
Un atkal aug priecīgi puķīte
Un smaršo, zied koši un jauki.
Man gavilē mirdzošās zvaigznītes
Un priecājas debesu lauki.

Vai uzminēt vari šo puķīti?
Vai zini, kā saucama tā? –
Varbūt ka vēl ne – tad es pateikšu:
Šī puķīte – Lūgšana.
Sirdsdārziņā katrā, tai jāzied iekš mums.
Tā jakopj un jāmīlē arī –
Tik tad, reiz, pēc rudens mēs varēsim
Sveikt mūžīgo pavasari.

Palmā – 1932

*Rihta Rasa, Nr. 8, augusts, 1932.*

## Oração

*A.B.*

Em meu jardim, floresce uma flor tranquila –
O céu reflete de suas pétalas os tons azulados.
Dentre todas as flores, eu amo aquela,
Seja em jardins, florestas de pinho ou prados.
Eu cultivei muitas flores em meu jardim –
Esmeraldas, outras rubis, e mesmo níveas;
Muitos botões maravilhosos desabrocharam
Havia rosas, havia liláceas altivas.

Lá as mais belas cores resplandecentes
Se abriram para mim de mudas estrangeiras.
Das montanhas, dos vales, das águas,
Onde quer que eu alguma conhecera.
Adquiria e semeava
Com muito esforço e labor empreendidos;
Mas ao final não resultava muita alegria
De todos estes tesouros recolhidos.

Apenas o raminho de flores azuis,
Que florescia da terra dura e rochosa,
Era como um milagre para mim, que eu amava –
Com sua fragrância tão doce, tão prazerosa.
Animava o meu espírito abatido
E iluminava meu coração de esperança –
Quando eram suas florzinhas tão puras,
Mensageiras de paz e de bem-aventurança...

Quando findava o meu trabalho à noite
E ao jardim ia visitar,
Com o coração palpitante
A pequena flor ficava a observar.
Lá o céu parecia estar mais perto,
Lá eu curava minha inquietude,
Quando suas florzinhas azuis translúcidas
Para mim sorriam amiúde.

Então a tristeza e o sofrimento desapareciam,
Então se interrompiam o choro e o gemido,
E a alegria e o regozijo enchiam meu coração,
E em meu rosto sorrisos se sobressaíam.
Até as aves cantavam mais alegremente
E mais forte as estrelinhas cintilavam
E soprava a brisa da noite
Mais suave e confortável...

Mas certa vez, quando cedo de novo,
Logo ao meu jardim adentrar,
Em vão a minha querida florzinha
Lá tentei vislumbrar...
À noite, no escuro, quando todos dormiam,
A geada a queimou silenciosamente –
Não havia mais pétalas azuis
Murcha – ela jazia dormente...

O que devo fazer? Por onde começar? –
Ó, tudo acabou e abrupto cessa!
Que doçura me restou ainda
Do trabalho do dia e da pressa?
– Ontem mesmo fiquei aqui em silêncio,
As florzinhas com a minha face acariciei,
Mas agora – mas agora – aqui solitário –
Eu choro estático e não mais sorrirei...

Muitas lágrimas vertiam e molhavam
A sepultura daquela pequena flor...
Mesmo agora – não consigo expressar,
O quanto perdê-la me trouxe dor.
Mas quando levantei a minha cabeça de novo –
O que lá eu reparei?
Um novo broto da terra tinha crescido,
Regado por o quanto lagrimei!

E o sol da alegria raiou em minh'alma outra vez
E as lágrimas sumiram sem deixar rastro.
Realmente sinto que o sol, depois da tristeza,
Tem brilho ainda mais belo em seu lastro.
E novamente cresce a pequena flor
E perfuma, floresce, fascina e abrilhanta.
Para mim, estrelinhas cintilantes resplandecem
E os campos celestiais se reencantam...

Consegue imaginar esta florzinha?
Sabe como ela se chama? –
Talvez ainda não – então eu direi:
Ela é a Oração de quem clama.
No jardim de cada coração, ela precisa florescer
Ela tem que ser cuidada e amada também
Só então poderemos, decerto, depois do outono,
Saudar a eterna Primavera que ainda vem.

*Rihta Rasa, n. 8, agosto, 1932.*

## Jaunībai

*Otokars*

Kā rožu smarša rītā dveš –
Tā jaunīb's sapņi spārnus pleš.
Tiem lidojums ir augsts un cēls -
Bet tuvojas tad saules kvēls…

Kā smarša saulē gaistot tvīkst,
Tā jaunīb's sapņi bālē, nīkst;
Kad skarbā dzīves ikdiena,
Kā saltais vējš to purina,
Tad sapņu baltie ziedi birst
Un cerības ar sāpēm mirst…

Bet labs ir viss, ko dara Dievs –
Tam uzticoties labi ies!
– – – – – – – – –
Viss, viss virs zemes iznīcīgs,
Tik Kristus – pamats nemainīgs;
Uz pamata šā uzliec tu
Jel savu zelta jaunību!

Tad tā kā Saron's roze plauks
Un smaršu dvesmot nepārtrauks,
Tai ziedu lapas nenobirs
Un dzīve jaunos ceļos nirs...

Ak, jaunība, pie Kristus steidz,
Viņš aicināt vēl nenobeidz!
Pirms diena satumst vakarā,
Trauc strādāt Viņa tīrumā.

## Para a mocidade

*Otokars*

Como a fragrância matutina das rosas –
Assim os sonhos juvenis abrem suas asas.
Seu voo é alto e notável –
Porém os aproxima do calor do sol inevitável...

Como o perfume com a insolação se transpira,
O mundo de sonhos da juventude também expira;
Quando a dura lida da vida cotidiana,
Como o vento gelado os balança,
Então dos sonhos caem as flores brancas
E de dor morrem as esperanças...

Mas é bom tudo o que Deus faz –
Confie nEle e seguirás em paz!
– – – – – – – – –
Tudo, tudo sobre a terra é finito,
Só Cristo – é o fundamento definitivo;
Sobre seu alicerce esteja firmada
A obra da sua juventude dourada!

Assim como a rosa de Saron ela florescerá
E o seu aroma sempre emanará,
As pétalas de suas flores não murcharão
E os seus dias em novos caminhos mergulharão...

Ó, juventude, a Cristo te apressa,
Enquanto ele te convida, depressa!
Antes de o dia escurecer com relâmpagos,
Disponha-se a trabalhar em Seus campos.

*Jaunais Lihdumneeks, n.5, maio, 1934.*

## Caur dzīvi...

*Dzidrupnieks*

Caur dzīves brīžiem dažādiem
Uz priekšu gribu doties,
Kaut cauri asiem dzeloņiem,
Pa klintīm rāpojoties…

Man slāpst ar Dievu sastapties,
Un Viņu vienu bīties –
No pīšļu varas atrauties,
No grēka atsacīties.

Viens, otris ceļā pagurt sāk,
Kad naidnieks virsū laužās –
Kuŗš tas, kas cīņā pacelt nāk,
Pie kā lai dvēs'le glaužās?...

Ir tikai Viens, kas visu spēj,
Tas savu Garu sirdī lej
Iekš tiem, kas slāpst un gaida –
Tie nepagurst, bet – smaida…

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, janvāris, 1929.*

## Através da vida...

*Dzidrupnieks*

Por diferentes fases da vida guiado
Em frente quero prosseguir,
Mesmo através de espinhos afiados,
Rastejar sobre quais pedras conseguir...

Tenho sede de a Deus encontrar,
E somente a Ele reverenciar –
Da decomposição da terra escapar,
Ao pecado renunciar.

Um ou outro começa a se cansar do percurso,
Quando se impõe o inimigo –
Quem é aquele que à luta vem dar recurso,
Em quem a alma alcança abrigo?...

Apenas Um há, a quem tudo é possível,
Dentro do coração derrama seu Espírito
Daqueles que têm sede e nEle esperam –
Eles não se cansam, do contrário – se alegram...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, janeiro, 1929.*

## Raksti smiltīs!

*A.U.*

Kāpēc savā akmins sirdī
Iegravē tu brāļa vainas,
Kur tās ilgi nepārmainas? -
Lasāmas tev katrā brīdī.

Pazemībā noliekdamies,
Ieraksti tās visas smiltīs;
Gara vējš kad pāri pūtīs
Aizmirstībā viss tad aizies.

Tikai tam, kas piedot mēdz,
Dievs itvisus grēkus sedz.

*Meera Wehsts, Nr.1, 1925.*

## Escreve em areia!

*A.U.*

Por que em seu coração de pedra
Grava as faltas do teu irmão,
Se ali ao tempo resistirão? –
A cada momento perpetuadas.

Com humildade se curve,
Escreva-as em areia;
Quando o vento do Espírito por ali passeia
Faz com que da memória todas se turvem.

Somente daqueles que costumam perdoar,
Todos os pecados Deus também apagará.

*Meera Wehsts, n.1, 1925.*

## Mājup

*K.P.*

Rit soļu takts tik gurdi, lēni
Un retāk atskan čalas jautras;
Vējš noraugās tā sveši, mēmi
Un vakar-ēnas baigi kautras.

Pat vējš, kurš labprāt zarus līgo,
Ir tapis atturīgs un kluss.
It liegi savu kokli stīgo
Un mierinoši glāsta mūs.

Bet domu kamols risinājas
Pie atmiņām, kas šodien gūtas;
Ar tām nu sirdis spirdzinājas
Un mīļas top šīs tekas grūtas.

Kāds mazums darīts Kristus druvā,
"Ak Dievs, šo darbu svētī pats,
Kur dārgā sēkla sēta kļuva,
Lai reiz kāds kūlīts taptu krāts!"

*Kristigs Draugs, Nr. 3, marts, 1931.*

## Para o lar

*K.P.*

O ritmo dos passos exaustos é tão lento
E raramente há burburinhos de alegria;
O vento silencioso causa estranhamento
A noite quieta amedronta sombria.

Até o vento, que com gosto os ramos agita.
Tornou-se contido e silencioso.
Toca apenas suavemente sua cítara
E nos acaricia cauteloso.

Mas o pergaminho dos pensamentos se enrola
A partir das memórias que hoje são guardadas;
Com elas a força dos corações se revigora
As estradas difíceis em ânimo são transformadas.

Mas algo é feito por Cristo em sua seara,
"E o próprio Deus a obra santifica,
Onde a semente preciosa semeara,
Para que abundante possa ser colhida!".

*Kristigs Draugs, n. 3, março, 1931.*

# CAMINHOS DA ALMA

# DVĒSELES CEĻI

## Torņa būvētājam

*Ezera Vilnis*

Apsēdies un pārdomā,
Pirms tu kautko darīt sāc,
Vai pa godam pabeigsi?
Tad tik materiālu vāc.

Iesāc no pat pamata
Dziļi rakt un stipri celt;
Ka no tavas priekšzīmes
Gudrību spēj citi smelt.

Strādā lēni, nesteidzies,
Paviršības nepielaid;
Tad tik izturēs tavs darbs,
Lai ar apkārt vētras vaid.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 3, maijs, 1929.*

## Ao construtor da torre

*Ezera Vilnis*

Sente-se e reflita,
Antes de qualquer empreitada inicial,
Terminará honradamente?
Então prepare o material.

Comece do alicerce
Escave fundo e o construa firme;
Para que do seu exemplo
Sabedoria outros confirmem.

Trabalhe devagar, em seu tempo,
Não se permita ser superficial;
Só então seu trabalho será duradouro,
Mesmo ao ranger tempestuoso o temporal.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 3, maio, 1929.*

## Gadam aizejot

*Dzintars Krasts*

Šīs zemes tekas pārstaigājis,
Grimst atkal gads viens mūžu jūŗā
Un pārdzīvotus priekus bēdas
Līdz aiznes viņš sev laiku pūrā.

Skan Vecā Gada pēdej's sveiciens,
Kā atvadoties, sēri, klusi –
Sirds dziļi jūt, ka mīļu draugu
Tā atkal sevim zaudējusi.

Un gribētos tam paspiest roku,
Vēl čukstēt vārdiņu, kaut klusu,
Pirms aizmirstības vārtus veŗot
Tas aizsteigsies uz mūža dusu.

Sveiks, Vecais Gads! Par katru mirkli
Es pateicos, ko tu man devi!
Es laimes dienās guvu draugus,
Un cīņās – atradu pats sevi! –

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, janvāris, 1935.*

## Com o passar do ano

*Dzintars Krasts*

As trilhas percorridas nesta terra,
Afundam outro ano no mar da vida
E as alegrias e tristezas arrecadadas
Transportam-se com a gratidão devida.

Ecoa o último cumprimento do Ano Velho,
Enquanto se despede, calmo, solenemente –
Do fundo do coração sinto por ele
Querido amigo que dá adeus novamente.

E eu gostaria de cumprimentá-lo,
Sussurrar uma palavra, de algum jeito silencioso,
Antes de se fecharem os portais da memória
Ir embora em sono eterno cerimonioso.

Adeus, Ano Velho! Por cada momento
Pelo que me deu, eu agradeço!
Fiz amigos em dias de júbilo,
E por minhas lutas – eu me fortaleço! –

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, janeiro, 1935.*

## Klusinātas ilgas

*Upmalietis*

Lai klusinātu ilgas,
Kas manā sirdī kvēl,
Un dvēs'le iegūt spētu,
Ko šodien mīlē vēl,–
Tad manim vajadzēja
It visu upurēt
Un pasaul's dārgās mantas
It visas ienīdēt.
– – – – – – – –
Nu klusinātas ilgas,
Kas manā sirdī kvēl.
Un dvēs'le ieguvuse,
Ko mūžam mīlēs vēl.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1927.*

## Saudades silenciadas

*Upmalietis*

Para silenciar saudades,
Que em meu coração queimam,
E conseguir obter em minha alma,
O que ainda amo hoje e anseio, -
Então foi necessário
Sacrificar estar junto
E os bens preciosos do mundo
Rejeitar em conjunto.
– – – – – – – –
Saudades silenciadas,
Que em meu coração queimam.
E a minha alma obterá,
O que sempre amará e anseio.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1927.*

## Kad runā sirds…

*Kalnu Jēkabs*

Noskaidrojas debestiņa,
Tāles paliek dzidras
Un saule mirdz.
Apklust veiklā valodiņa,
Lūpas paliek mēmas –
Tad runā sirds…

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1927.*

## Quando fala o coração...

*Kalnu Jēkabs*

O céu aclara,
O horizonte se ilumina
O brilho do sol em elevação.
A fala astuciosa se cala,
Os lábios ficam em surdina –
Então fala o coração...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1927.*

## To zinu es...

*A.B.*

Ak! to zinu es, cik grūti –
Vienam šauro ceļu brist:
Cīņai griezt pret vētru krūti,
Iet un tomēr neizsamist –
Ak! to zinu es, cik grūti.

Tomēr grūti nav nekas –
Sirds ja tvīkst pēc uzvaras!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 9, septembris, 1933.*

## Isto eu sei...

*A.B.*

Ó, isto eu sei, o quão difícil é –
Sozinho trilhar o caminho estreito:
Combater de peito aberto a tempestade de pé,
Seguir e não se dar por satisfeito –
Ó, isto eu sei, o quão difícil é.

Entretanto, não é impossível nenhuma peleja –
Quando o coração a vitória almeja!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 9, setembro, 1933.*

## Vakarā

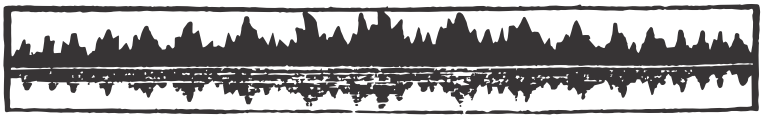
*Kalnu Jēkabs*

Tad, kad vakars, saulei dziestot,
Dienas čalai apklust ļauj,
Klusumam es sirdi dodu,
Lai uz mirkli viņu skauj.

Tālu, tālu debess malā
Izgaisdama, diena dziest;
Melniem spārniem baigi, klusi
Tumsas tēli nāk un briest…

Aizmirstas ir dienas rūpes,
Nokratīts ir viņu slogs, –
Dvēsele turp ilgās traucas,
Kur pret debess atvērts logs.

Ilgu spārniem lēni, klusi
Ceļas tā no zemes šās,
Kaut uz brīdi aizmirstībā,
Sapņu ārēs mūžīgās...



*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 9, septembris, 1933.*

## Ao entardecer

*Kalnu Jēkabs*

Quando ao entardecer, o sol se declina,
A labuta do dia aquieta e se abate,
Ao silêncio meu coração entrego,
Que por alguns instantes ele o abrace.

Longe ao céu, em distantes horizontes
Apaga-se o dia, desvanecente
Com terríveis  asas negras, sorrateiras
Imagens sombrias se avolumam obscurecentes

Esquecidas são as preocupações do dia,
Despojada do seu fardo, –
Em nostalgia a alma espreita,
Por uma janela do céu descerrado.

Com longas asas, lentas e silenciosas
Ela se ergue acima desta terra,
Por este momento de abstração,
À infinitude das aspirações eternas…

*Jaunais Lihdumneeks, n. 9, setembro, 1933.*

## Jauneklim

*Dienvidnieks*

Vēl jūsmo, draugs,
Vēl vēji birzēs šalko;
Vēl gaisā valda ziedu aromats.
Pēc mīlestības jaunā sirds vēl alko;
Kā viesim daudzos namos galds tev klāts.
Vēl jūsmo, draugs!

Vēl sapņo, draugs
Par kalniem augstās tālēs,
Kur pārplūstošie spēki sauktin sauc.
Un kamēr rožu sārtums vaigos bālēs,
Vēl līdzi citiem baltās sapņu pilīs trauc.
Vēl sapņo, draugs!

Vēl strādā, draugs,
Lai spēku pārpilnība
Tev velti šķiesta, tukši neizplūst.
Un sajūsma un ieraudzītā griba
Priekš cēliem mērķiem izlietota kļūst.
Vēl strādā, draugs!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, janvāris, 1934.*

## Para o jovem

*Dienvidnieks*

Anima ainda, amigo,
Os ventos atravessam os bosques;
Essências florais perfumam o ar também.
O coração jovem deseja do amor os toques;
Como hóspede, muitas casas te acolhem bem.
Anima ainda, amigo!

Sonha ainda, amigo
Em tocar o céu sobre as mais altas montanhas
Onde forças transbordantes te excitam a ir adiante.
Enquanto o rubor das rosas teu rosto apanha,
Junto a outros sonhadores castelos brancos levante.
Sonha ainda, amigo!

Trabalha ainda, amigo,
Que a sua força produtiva
Não vá embora e se desperdice.
Com entusiasmo e vontade ativa
A fins nobres imediatamente se dedique.
Trabalha ainda, amigo!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, janeiro, 1934.*

## Sirds raud...

*Autors nezināms*

Sirds raud par salnas kostu ziedu,
Par rozi novītušu pumpurā,
Par ilgu spārniem vētrās lūzušiem,
Par ideāliem apraktiem.

Vai cēlie mērķi tikai sapnis bij
Un dzīves daiļums – māņi vien?

Balts dubļos vainadziņš – kas to vairs pacels,
Sirds raud..

*Kristigs Draugs, Nr. 9, septembris, 1934.*

## Chora o coração...

*Autoria desconhecida*

Chora o coração pela flor queimada com a geada,
Pela rosa que murchou em botão,
Por grandes asas quebradas em tempestades,
Pelos ideais enterrados com a idade.

Será que tais nobres objetivos eram apenas sonho?
E a beleza da vida – somente ilusão!

Uma guirlanda branca em lama – de quem não levantará.
Chora o coração.

*Kristigs Draugs, n. 9, setembro, 1934.*

## Vēlējums

*Valija*

Es zinu, tev tālu mērķi ir sprausti
Un tālu aizved tavs meklētais ceļš.
Tev spārni tik sniegbalti, tīri, skaisti,
Tu jūti – tev pieder debesu telts.
Es redzu to, zinu, man sirds priecājas līdz
Un daudz, ak cik daudz tevim dotu,
Lai aizsniegtu visu, ko vēlies it drīz,
Un gaišs prieks tevi aplaimotu. –

Bet dzīvē ir likumi, kurus pildot
Ne vienmēr smaidā spēj rotāties vaigs,
Un bieži ir tā, ka nopūtas dzirdot
Tik jāpaliek klusu um jāgaida laiks.
Un nevar tā roku tur palīgā pielikt,
Kur sirds jau sen steidzas palīdzēt,
Bet jāļauj tik visas grūtības sastapt,
Jo – stiprs top tas, kas prot pats uzvarēt!

Nu tādēļ, mazums ir tas, ko es varu
Tev gaitā tavējā palīdzēt,
Bet tici – ar visu sirsnību savu
Tev vēlu es – cīņā izturēt.
Lai apstākļi kādi, bet dūšu
Tik viegli nezaudē vis!
Ja vajaga – uzgaidi, paciet:
Viss pāries, viss norimsies drīz…

Ko palīdz, kad cīnījies esi
Un pūlējies, izturēj's daudz,
Ja beidzamā mirklī vairs ne-esi
Tu cīņā, kad uzvara sauc?
Lai tādēļ tev cerība spoži
Arvien vēl tālumā mirdz:
Tā nesīs tev sajūsmu, drosmi, –
Tai spēks, kas censoņus spirdz!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 1, janvaris, 1935.*

## Desejo-te

*Valija*

Eu sei que tens objetivos de longo alcance
E longe leva o caminho que queres trilhar.
As suas asas tão alvas como neve, puras, deslumbrantes,
Você sente – a cúpula celeste é o seu lugar.
Eu vejo, eu sei, o meu coração se regozija
E tanto, ó, quanto eu te daria,
Para breve alcançar tudo o que desejas,
Quando te abençoará uma radiante alegria. –

Mas a vida tem códigos, os quais, quando executados
Nem sempre adornam o rosto com sorriso,
E muitas vezes por suspiros ladeados
Precisamos ficar em silêncio até o momento preciso.
Pois não é possível estender a mão amiga,
Quando o coração tanto se apressa em querer ajudar,
Mas é necessário suportar todas as dificuldades sofridas,
Para – tornar-se forte e a vitória conquistar!

Então, bem pouco é o que eu posso fazer
Para te ajudar em tua trajetória
Mas acredite – com toda a sinceridade ao dizer
Desejo que resistas – lute por tua história.
Sejam quais forem as circunstâncias,
não perca a coragem facilmente!
Se preciso – espere, suporte:
Tudo passará, tudo acalmará, gradualmente...

De que adianta, quando se empenha tanto,
E se esforça, muito aguenta,
Se a última batalha não estiver lutando
Quando a vitória se apresenta?
Portanto, que resplandeça a esperança
Que à distância persiste reluzente:
Trará para ti entusiasmo, perseverança –
Esta força, que anima a seguir em frente!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 1, janeiro, 1935.*

## Grāmatas

*J.B.*

Bērns, lasi labas grāmatas,
Tās prātu apgaismo,
Ir vērtām domām bagātas
Un sirdi izdaiļo.

Ja lasot laiku pavadi,
Tas labi izlietots,
Un mantas, ko tu sakrāsi,
Būs dārgums neviltots.

## Livros

*J.B.*

Crianças, leiam bons livros,
Eles iluminam a compreensão,
De pensamentos nobres são ricos
E embelezam o coração.

Se à leitura tempo dedicar,
Será bem usufruído,
E os bens que colecionará,
Serão tesouros genuínos.

# CAMINHOS DA VIDA

# DZĪVES CEĻI

## Vakarā

*GAIDA*

Nakts uz pasaul's ēku
Klusi nāk.
Mēness staros ezers
Smaidīt sāk.
Koku zaros vēsma
Liegi čukst.
Zemes plašās krūtis
Strauji pukst.
Zvaigžņu mirdzā debess
Skaista tiek.
Pasaul's trokšņiem daba
Klusēt liek.
Paradīzes laime,
Liekās, dzimst.
Nemiers, sāpes sirdī
Brīdi rimst.
Tas, kas putnus gaisā
Baļot liek,
Rāda ceļu, kā pie
Laimes tiek.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr.1, janvāris, 1930.*

## Anoitecer

*GAIDA*

Sobre o firmamento do mundo
A noite silenciosamente a cair.
Os raios de luar à superfície do lago
Então começam a sorrir.
Em meio aos ramos das árvores
Sussurra uma suave brisa.
Enquanto o amplo seio da terra
Célere palpita.
O esplendor das estrelas
Torna lindo o céu.
Manda que os ruídos da natureza
Silenciem sob seu véu.
A alegria do paraíso,
Ao que parece, é renascida.
A ansiedade, dor do coração,
Neste instante se suaviza.
Aquele, a quem os pássaros alimenta
Todos a voar,
Também mostra o caminho
De a felicidade alcançar.

*Jaunais Lihdumneeks, n.1, janeiro, 1930.*

## Stipri balsti

*Sīlvestrs*

Visas upes izžuvušas,
Miltu, eļļas mazums vairs.
Dziesmas, čalas apklusušas,
Zudis mērķis kārotais…

Tukšums laukā, bēdas sētā;
Pavārds dzisis, dzīve tumst…
Viss, ko gaidīju, ko tvēru, -
Zudis, atņemts - sirds tā skumst…

Nava galvu vairs kur nolikt,
Ceļa vīrs es - bēgļos likts.
Zemes dzīves stipros balstus
Meklējot - nekur nav tikts…

Dzimteni! Ai, tēvu zemi
Ienaidnieku kājas min…
Labklājība, dzimtā sēta
Pieder pagātnei… Dievs zin!

Balsti, balsti! Stipri balsti!
Garā doti satvert man:
Debesmājās viss papilnam -
"Nāc un baudi!" - Rakstos skan!

## Apoio forte

*Sīlvestrs*

Todos os rios secaram,
Farinha, óleo, há pouco.
As canções e a tagarelice silenciaram,
Perdido o objetivo desejado...

Vazio no campo, tristeza no lar;
A lareira se apagou, o ânimo obscurecido...
Tudo o que eu almejava, tudo o que eu tinha, –
Perdido, levado – com o coração entristecido...

Não tenho onde repousar minha cabeça,
Eu sou homem da estrada – refugiado.
Pilar de vida nesta terra
Procuro – nenhum lugar encontrado...

Pátria! Ó, terra natal!
Sob os pés do inimigo não se acabe...
Lar do meu nascimento, do bem-estar
Pertence ao passado... Deus sabe!

Suporta-me, suporta-me! Apoio forte!
Por teu Espírito me assegura:
O lar celestial tem abundância –
"Venha e aproveite!" – diz a Escritura!

*Kristigs Draugs, n. 6, junho, 1957.*

## Zvaigznes

*Kalnu Jēkabs*

Kas jūsu ceļus, jūsu gaitu zin?
Gan astronomi prāto, kaut ko min…
No mūžības uz mūžību jums gaita,
Bez apstājas, bez dienu skaita.

Jūs visus viena stipra saite sien,
Viens Dieva likums, noteicošs arvien:
Tas planētēm velk orbītus ap sauli,
Dod zemei vakarus un rītus,
Un komētām rod debess ceļus citus.

Kam jūsu noslēpumu izzināt?
Kam lielo mākslas darbu līdzināt?
Ak neskaitāmās zvaigznes, debess telpā,
Jūs – Lielā Radītāja dzīvā elpa!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr.3, maijs, 1929.*

## Estrelas

*Kalnu Jēkabs*

Quem conhece os percursos dos seus caminhos?
Os astrônomos questionam, adivinham...
De eternidade em eternidade os seus compassos,
Sem paradas, sem dias contados.

Todos ligados por fortes laços,
Deus, com uma ordem, estabelece-os:
Os planetas orbitam ao redor do sol,
Dão à terra suas noites e manhãs,
Aos cometas do céu, outras direções.

Como desvendar tais segredos?
A incomparável obra de arte destes enredos?
Ó, incontáveis estrelas do espaço sideral,
Sois o sopro de vida do Grande Criador celestial!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 3, maio, 1929.*

## RIETA

*Ezera Vilnis*

Vēl pēdējiem zelta stariem
Māj saule un – atvadās.
Uz zemi drīz atlidos krēsla
Un radību spirdzinās.

Iz upītes ceļās migla
Un izplata vēsumu.
Gars, miesa nu tīkami atspirgst,
Jūt vakara klusumu.

Tik purpura sārtā debess
Un palēnā vēsmiņa
Man domas un jūtas saista,
Pār lūpām plūst dziesmiņa.

Es apdziedu saules rietu
Un mīlīgo vakaru,
Līdz tumsa ar straujiem soļiem
Steidz nomākt šo sajūtu.

Sirds līgsmo un slavē Dievu,
Kaut tumsas segā viss tīts.
Tik vakaros blāzma vēl sārto,
Teic: "Gaidi – atausīs rīts!"...

## Pôr do Sol

*Ezera Vilnis*

Ainda com os últimos raios dourados
"Adeus!" – Despede-se o sol.
O crepúsculo recairá sobre nós
Refrescará a criação.

O nevoeiro sobe do rio
Espalha o seu frescor.
O espírito e o corpo se revigoram,
Sob o silêncio da noite e seu torpor.

O céu avermelhado
A leve brisa em mansidão
Unem minhas emoções e pensamentos,
Flui por meus lábios uma canção.

Eu canto ao pôr do sol
Em seu amoroso anoitecer,
Até o escuro a passos largos
Apressar-se ao sentimento conter.

O coração louva e glorifica a Deus,
Embora em manto de escuridão envolto
Nestas noites, o entardecer ainda incandesce,
Diz: "Espere – amanhecerá de novo!"...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 5, setembro, 1929.*

## Pie eglītes

*Valija*

Man patīk skatīties, kā svētku vakarā
Deg gaiši sveces zaļā kociņā.
Gan še, gan tur, pat tumšās pazarēs
Mirdz viņu liesmas klusās dzirkstelēs.
Caur egles zariņiem tās līksmi saskatās,
Un gaišais brīnums tumsā iekļaujas.
Man šķiet, tās klusā laimē aiztur elpu,
Gaišs mirdzums pilda visu telpu;
Tās nejūt tumsu - viņas dzīvo gaismā,
Kaut pašas sadegdamas liesmā kvēlā…
Tās nevar citādi, tām dzīvot - degt,
Tām degot, nespēj tumsa viņas segt.
Tik gaismas tāles viņām pretim māj,
Līdz mazā dakts it klusi kvēlot stāj…

Man patīk skatīties, kā svētku vakarā
Deg gaiši sveces zaļā kociņā…

*Kristigs Draugs, Nr. 12, decembris, 1962.*

## Diante da árvore de Natal

*Valija*

Eu gosto de olhar, durante a noite festiva
O brilho das velas que da árvore irradia.
Aqui e ali, escondidas entre as ramagens
Silenciosas vejo as chamas flamejarem.
Através dos galhinhos do pinheiro, alegres espreitam,
O milagre da luz se difundir em meio à escuridão.
Prendem a respiração em uma felicidade silenciosa,
Parece-me, ante ao intenso fulgor da sala luminosa;
Elas não se rendem ao escuro – Reluzem,
Enquanto queimam os lumes que as conduzem...
Não podem fazer diferente, têm de viver – Queimar,
Quando ardem, o escuro não as pode apagar.
Mesmo à distância, ainda acenam as luzes,
Brilham quietos os pavios até que ao fim se reduzem.

Eu gosto de olhar, durante a noite festiva
O brilho das velas que da árvore irradia.

*Kristigs Draugs, n. 12, dezembro, 1962.*

## Uz sniegbaltiem spārniem

*Astere*

Uz sniegbaltiem ilgu spārniem
Man dvēsele aizlaižas
Pret zeltotiem gaismas kalniem,
Kur svešas ir nopūtas.

Tur krūtis man elpo brīvi,
Tur neuzkāpj zemes tvans,
Tur baudu es īsto dzīvi –
Viss dievišķi krāšņais – mans.

Uz augšu, uz gaismas kalniem,
Mani sniegbaltie spārni nes,
Kur dzīvības saules staros
Diet varu laimīga es…

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1927.*

## Em asas alvas como a neve

*Astere*

Minha alma voa com asas de saudade,
Que são alvas como a neve
Contra a luz de montanhas douradas,
Onde suspira o que se desconhece.

Ali meu peito livremente respira,
Ali o vapor tóxico da terra não se ergueu,
Ali usufruo o dom da vida –
Tudo divinamente glorioso – meu.

Ao alto, até as montanhas de luz,
Transportam-me as asas alvas como a neve,
Onde sob os vivazes raios de sol
Eu posso dançar feliz e leve…

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1927.*

## Nu es zinu

*Krasts*

Pēc saules vien es ilgojos
Un meklēju tik puķu ziedus;
Tak sirdī rūgti pievīlos,
Pēc saules vien kad ilgojos.
Bet nu es zinu: skaistos ziedus
Lauzt varu tikai ērkšķājos,
Un iegūt spožos saules smaidus
Pēc tam, kad naktī maldījos.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1927.*

## Agora eu sei

*Krasts*

Meus anseios eram apenas do sol
À procura unicamente de botões floridos;
Mas em meu coração me enganei e me ressinto,
Quando anseio apenas o sol.
Porém, agora eu sei: em belos arranjos floridos
Também posso colher espinhos,
Os sublimes sorrisos solares são obtidos
Após a escuridão noturna, errante e sozinho.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1927.*

## Manas ilgas

*Dienvidnieks*

Ak jūs, mani gāju putni,
Ko jūs salstat rudens salnā?
Šeit jau neatrast jums dusas, –
Tikai tālā saules kalnā.

Ātrāka par gaismas stariem
Jūsu lidošanas gaita;
Skrejiet cauri zvaigžņu bariem,
Kuras naktīs mirdz bez skaita…

Ātra gan ir jūsu gaita,
Lidojot uz silto pusi;
Tomēr, neaizsniedzot mērķi, –
Atpakaļ jūs atkal klusi...

Ko jūs klīstat šajā pusē,
Šeit, kur ziemels plosās bārgi;
Kur pa tumšo dzīves leju
Cīnās zemes bērni vārgi?...

Lidojiet, jo taču jauki
Lidot plašās debess tālēs;
Beigsiet savu ceļojumu
Polār-aukstās ledus gālēs…

Beigsiet lidot ledus gālēs,
Sāksiet dzīvi saules kalnā,
Kur vairs itneviena puķe
Nevīst saltā rudens salnā.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 6, jūnijs, 1934.*

## Minhas saudades

*Dienvidnieks*

Ó, meus pássaros migratórios,
Por que se enregelam com a geada outonal?
Aqui não encontram mais repouso, –
Nesta montanha distante do sol.

Mais velozes que a luz e seus raios,
Ao ritmo dos seus voos ágeis;
Atravessam os aglomerados de astros
Que brilham à noite, incontáveis...

Com seu rápido movimento,
Voam em direção ao lado quente;
Entretanto, sem atingir o objetivo, –
Retornam silenciosamente...

Por que você está vagando,
Aqui, onde o vento norte se enfurece violento;
O vale da vida se obscurece
Lutam por terra crianças em desalento?...

Voe, porque é lindo
Em vastos céus viajar;
Cesse sua jornada
Às geleiras de frio polar...

Abandone seu voo ao cumes de gelo,
Renasça nesta montanha do sol e seu entorno,
Neste lugar onde flor nenhuma
Murcha com o frio da geada de outono.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 6, junho, 1934.*

## Lēkta un rieta

*Dzintars Krasts*

Vai esi redzējis tu rīta blāzmu,
Kas debessmalā spulgās krāsās aust?
Vēl zeme dus, vēl klusē dzīves troksnis,
Vēl tīk tai sapņu glāstos liegi snaust.
Bet drīzi vien no viņiem tāliem kalniem
Ar saules tveici jauna diena nāks,
Un dimdot atkal skanēs dzīves zvani,
Un diena savu gaitu tālāk sāks.

Es viņus atminu, tos agros mirkļus,
Kur kājas senās bērna tekas mina,
Kad maigie, sapņu pilnie dzīves rīti
Vēl dienas karsto tveici nepazina. –
Tad nāca diena....Saules stari dzēla,
Un dzīves tvanā spēki gura, sīka –
Ak, vai! Kur baltie, pīšļos mītie ilgu ziedi? –
Man dzīves kalnā kāpjot – kājas līka…

Vai esi vērojis tu saules rietu,
Kas vakarpusē izgaisdama dziest,
Kad diena piekususi nobeidz gaitu
Un tumsas tēli drūzmējas un briest?
Jau piekususi purpursārtā saule
Uz jaunu dzīves spēku atdzimt grima,
Un pēkšņi stājās dzīves skarbā gaita –
Viss miera mātes klusās rokās rima.

Es viņu redzu jau, to mūža brīdi,
Kur dzīves stundenis būs izskanējis,
Kur tikai atmiņām gars trauksies pāri
Un jautās sev: Vai tas ir sapnis bijis? –
Aiz tevis tālu dūgos dzīves gaita,
Kur tava sirds reiz dzīvoja un cieta –
Bet tev vairs viņus ceļus nestaigāt!
Būs tavā priekšā klusā saules rieta.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 10, oktobris, 1934.*

## Aurora e Crepúsculo

*Dzintars Krasts*

Você já assistiu ao resplendor da aurora,
As cores cintilantes do céu enquanto alvorece?
A terra ainda dorme, em silêncio a vida ruidosa,
Das carícias amenas dos sonhos se enternece.
Mas logo das montanhas distantes
O calor do sol outro dia anuncia,
Tocam alegres os sinos da vida,
O seu percurso diário se inicia.

Eu me lembro, daqueles primeiros momentos,
Das trilhas antigas em que pisavam os pés infantis
Quando as ternas manhãs, cheias de sonhos
Ainda não conheciam o calor do dia e seus ardis. –
Então amanheceu... Com os raios ardentes do sol,
Em meio ao dilúvio da vida, os ânimos drenados –
Ó, onde estão as flores brancas pisoteadas em cinzas? –
Ao escalar a montanha das idades – de joelhos prostrados...

Você já assistiu ao pôr do sol,
Ao crepúsculo enquanto a noite cai,
Quando o dia termina o seu trajeto
E uma densa escuridão se sobressai?
Cansado, o sol púrpura se foi
A energia da vida se refaz,
Suspensos os ritmos da lida diária –
Sob os cuidados da mãe paz.

Eu já vislumbro, aquele instante da existência,
Quando o relógio da alma terá soado,
Quando o espírito das memórias desperta
E se pergunta: Terei eu apenas sonhado? –
Ao longe, ecoará o compasso da vida,
Que o seu coração seguiu e sente –
Não se guiará mais por sua cadência!
À sua frente, apenas o sol poente.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 10, outubro, 1934*

## Man patīk...

*A.B.*

Man patīk būt vakarā klusā,
Kad mani vienatne skauj –
Un mierīgās vakara domas,
Ilgu baltās kājiņas auj...

Man patīk būt vakarā klusā,
Kur miers mani augstāki nes...
Tad debesis tuvāk man rādās
Un – debesīm tuvāki es.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 9, septembris, 1933.*

## Agrada-me...

*A.B.*

Agrada-me a noite silenciosa,
Quando por solidão abraçado –
Sinto em pacíficos pensamentos noturnos,
Saudades dos caminhos atravessados...

Agrada-me a noite silenciosa,
Quando a paz me alça...
Então o céu parece mais perto de mim
E – Eu mais perto do céu.

*Jaunais Lihdumneeks, n. 9, setembro, 1933.*

## Mazs putniņš

*Svešinieks*

Mazs putniņš gaisā lidinājas
Un priecīgs dziesmu skandina,
Viņš brīvs bez rūpēm, zūdīšanās,
Tik Radītāju godina.

Brīvs rītam austot, saulei lecot,
Brīvs saulei spīdot pusdienā,
Brīvs vakarkrēslai zemi klājot,
Brīvs naktī melnā, tumšajā.

Bet cilvēkbērni rūpju pilni
Un zūdīšanām apkŗauti,
No agrā rīta līdz pat naktij
Tie staigā drūmi, nospiesti.

Jel apstājies tu, kas tā zūdies!
Un lūkojies uz putniņu!
Tas brīnišķu dzied slavas dziesmu –
Teic Radītāju arī tu!

Lai sirds no zemes pīšļu kaudzēm,
Kā putniņš augšup lidinās -
Un Dieva lielo mīlestību
It visur redz un - priecājas.

*Rihta Rasa, Nr. 2, 1926.*

## Pequeno passarinho

*Svešinieks*

Pequeno passarinho voa no ar
E uma alegre canção entoa,
Solto e despreocupado, sem lamentar,
Somente ao Criador dá honra.

Livre com a aurora, ao amanhecer,
Livre enquanto brilha o sol do meio-dia,
Livre quando o crepúsculo à terra vem descer,
Livre com a escuridão da noite, sombria.

Mas os filhos dos homens sempre aflitos
E sobrecarregados de lamentos,
Desde muito cedo e até o cair da noite
Caminham melancólicos, abatidos.

Ó, pare você, que tanto se lamenta!
E do passarinho observe o valor!
Ele canta uma canção de louvor primorosa –
Assim diz o Criador.

Que o seu coração cheio do pó da terra,
Como o passarinho voe para o alto –
E o grande amor de Deus
Veja em todo o lugar – exaltado.

*Rihta Rasa, n. 2, 1926.*

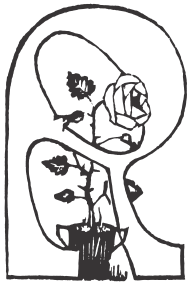
## Rozīte un mīlestība

*Svešinieks*

Aug dārzā skaista rozīte,
Kas brīnum koši zied;
Tā saldu smaršu izplata,
Kaut vētras pāri iet…

Tak drīz vien roze nobālēs
Un košais ziediņš birs,
Un viņas dzīves pavediens
Zem dabas spēka irs…

Bet mīlestība, dievišķā,
Jau šeit un mūžam ziedēs,
Caur savu smaršu brīniško
Tā siršu sāpes dziedēs.



*Rihta Rasa, Nr. 3, 1926.*

## A rosa e o amor

*Svešinieks*

Cresce bela em meu jardim uma rosa,
Que graciosa e viçosa floresce;
Sua doce fragrância se espalha,
Enquanto a tempestade fenece ...

Logo a rosa perecerá
E suas pétalas cairão,
O fio da sua vida
Em natural dissipação...

Mas o amor, divinal,
Florescerá agora e eternamente,
Através do seu magnífico perfume,
A cura de todo coração dolente.

*Rihta Rasa, n. 3, 1926.*

## Agrā rītā

*Kalnu Jēkabs*

Pa padebešiem ātrā steigā,
Peld klusi sarkdams mākonīts,
Un tālu, tur pie rīta debess,
Deg auseklīts.

Zūd debess velvē zvaigžņu spodrums,
To mirdzums iedegas un dziest, -
Bet purpurkvēls tur debess malā
Arvienu briest…

Un diena asiem gaismas šķēpiem
Sāk tumsas baigo varu veikt.
No gaismas skata tumsas tēli
Sāk projām steigt…

Klīst zemes mātes sapņu tēli,
Tos skāra pirmais saules stars,
Un zemes krūtīs atkal mostas
Jauns dzīves spars.

*

Ar beigtu lūgšanu uz lūpām
Pie darba steidzas līdumnieks, -
Tam acīs kvēlo svēta uguns,
Un sirdī prieks…

*Rihta Rasa, Nr. 3, 1926.*

## Cedo de manhã

*Kalnu Jēkabs*

Veloz em sua travessia celestial,
Desliza em silêncio uma nuvem avermelhada,
E ali ao longe, céu da manhã,
Arde a aurora esbraseada.

Desvanece da abóbada celeste o brilho das estrelas,
Que ainda oscilam conforme ela se acende -
Enquanto o rubor do horizonte
Amplifica-se incandescente…

E o dia com afiadas lanças de luz
Começa a derrotar o terrível poder da escuridão.
À visão do clarão as imagens obscuras
Apressam-se a ir embora da imensidão...

Vislumbres dos sonhos da mãe terra vagueiam,
Pelo primeiro raio de sol atingidos,
E no seio da terra desperta outra vez
Vigor renovado em todos os seres vivos.

*

Com a oração finalizada em seus lábios
Apressa-se ao trabalho um desbravador, -
Em seus olhos brilha fogo santo,
Coração repleto de alegria interior…

*Rihta Rasa, n. 3, 1926.*

## Palma

*Gaida*

Kam tu savu galvu cēli
Pretī zilam debess jumam,
Pretī saules zelta stariem,
Pāri dabas sapņojumam?

Skaists tavs gaŗais, staltais augums,
Kas pret debess velvi slienas!
Bet tās vētras, kas tur gaida,
Nenojaud tu vēl nevienas.

Kam tu raugies sapņodama
Pāri projām zvaigžņu tālēs?
Atbrauks mākons vēja zirgiem,
Saules dienas dzisīs, bālēs.

Audzi liela, stipra, gaŗa,
Pāri mūža meža sienām.
Raugies cauri vētru trauksmei
Pretī jaunām saules dienām.

*Rihta Rasa, Nr. 8, augusts, 1932.*

## Palma

*Gaida*

A quem levantou sua cabeça
Frente ao firmamento azul,
Frente aos dourados raios solares,
Ante ao sonho da natureza?

Bela e de imponente estatura,
Que alcança a abóbada celeste!
Suspeita nenhuma tem ainda
Das tempestades que a ti sucedem.

Por que olha sonhadora
As constelações do horizonte afastado?
As nuvens virão a galope de vento,
Pálidos serão os dias, sol dissipado.

Cresça grandiosa, forte, esbelta,
Sobre as paredes da floresta.
Enxergue além da ansiedade do temporal
O esplendor de novos dias de festa.

*Rihta Rasa, n. 8, agosto, 1932.*

## Dienai dziestot...

*Ilga*

Gaišie saules stari
Tur aiz kalna gaist...
Tikai mākoņbari
Sārti tur vēl kaist.

Liekas, tie no saules
Sveikas nezdami;
Sūtņi kā no tāles
Pazūd klīzdami.

Atnes liegā vēsma
Krēslas plīvuri.
Vēsā vakar-dvēsma
Dveš tik mīlīgi.

Pamirdz debess tālē
Zvaigzņu pērlītes,
Atspīd zaļā zālē,
Rasas pilītes.

Seju skumju, bālu
Mēness parādās,
Gaisma tuvu, tālu
Lēni izplatās.

Dienas trokšņi klusi,
Zvaigznes dusu pauž.
Daba ieslīgusi
Snaudā – sapņus auž.

Atkal ilgas klusas
Manā sirdī dzimst:
Kļūt pie īstās dusas
Tur, kur sāpes rimst...

*Rihta Rasa, Nr. 10, oktobris, 1932.*

## Dia minguando...

*Ilga*

Os raios de luz do sol
Por trás da montanha desaparecem...
Apenas as nuvens do arrebol
Em brasa ainda se enrubescem.

Parecem que do astro
Deixam os cumprimentos;
Emissários de domínios vastos
Se despedem incandescendo.

Deixam a brisa suave
Do crepúsculo caloroso.
O frescor do fim de tarde
Em suspiro afetuoso.

O céu inteiro então reluz
Com as estrelas peroladas,
Sobre a relva em contraluz,
Espelham gotas orvalhadas.

Pálida e taciturna
A lua se põe à mostra,
Perto e longe sua luz noturna
Lentamente se alastra.

O alarido do dia serena
As estrelas se impõem.
Repousa a natureza amena
Em sono – sonhos compõe.

Novamente silencioso anseio
Em meu coração de regresso:
Chegar ao descanso verdadeiro
Lá, onde das dores me despeço...

## Mūža mežā

*A.B.*

Pa šauru meža teku
Kur, liekas, maz vēl mīts,
Viens klīstu smagu domu dzīts – – –

Ap mani mūrim līdzīgi
Un stīgām cieši savīti
Dus mūža meža biezokņi.

Pār krēslā tīto taciņu
Stiepj mēness garas ēnas
Un tālumā – dzird ūdens balsis lēnas...

Daba dus. Viss tumšs un kluss; –
Pa retam tik skan baigas
Naktsputnu skaļās klaigas – – –

Pār mūža meža lapotnēm
Sēj mēness savus starus
Kā bālus, pasakainus zarus...

Un debess dzīlē zvaigznītes
Te uzliesmo, te dziest;
Šalc vakarvēsma krūmājos:
Nāc – līdzi – ciest...!

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 6, jūnijs, 1932.*

## Na floresta

*A.B.*

Ao longo de uma estreita trilha florestal
De poucos e inexplorados rastros,
Vagueio solitário movido por pensamentos drásticos – – –

Ao meu redor como muralhas
Tranças de cipós rigidamente entrelaçadas
Com as profundezas da floresta intocadas.

Além do trajeto percorrido sob o crepúsculo
Alongam-se as difusas penumbras lunares
E ao longe – escuta-se as águas murmurarem

A natureza dorme. Silêncio completo e escuridão; –
Fortuitamente, soam soturnos
Os grasnados ruidosos de pássaros noturnos – – –

Sobre as copas da floresta,
A lua seus raios enseja
Como pálidas e belas cerdas…

As estrelas do céu profundo
Em seu brilho, em seu arrefecer;
Sibila a brisa da noite por entre os arbustos:
Venham – comigo – padecer...!

*Jaunais Lihdumneeks, n. 6, junho, 1932.*

## Melns ērglis

*Jūrmalnieks*

Melns ērglis man pār galvu plīvo…
Viņš neraugās, kur maita dus,
Viņš meklē manu sirdi dzīvo:
Viņš dzird tās karstos pukstienus.

Vēl gaida viņš, kad zvaigznes dzisīs,
Kad tumšo jumtu šaubas jums,
Kad dvēs'le ceļā nogurusi,
Pēc debess gaismas slāps un skums…

Tad klusām sāksies nāves cīņa:
Mans ienaidnieks no gaisa nāks,
Un viņa smagie, melnie spārni
Man draudoši pār galvu šņāks!

Melns ērglis man pār galvu plīvo,
Viņš neraugās, kur maita dus,
Viņš meklē manu sirdi dzīvo,
Viņš dzird tās karstos pukstienus.

Iz dzeju krājuma "Sārtie logi"

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 9, septembris, 1936.*

## Águia Negra

*Jūrmalnieks*

Uma águia negra esvoaça sobre minha cabeça...
Ela não olha o corpo dormente,
Ela procura o meu coração que lateja:
Ela escuta a pulsação quente.

Ela espera até que as estrelas oscilem,
Quando o telhado escuro as dúvidas recobre,
Quando cansada do caminho a alma vacile,
Sedenta e saudosa pela luz do céu se desdobre...

Em silêncio então começará a luta de morte:
O meu inimigo descerá dos ares,
E sobre mim suas pesadas asas negras
Assobiam ameaçadoras em voos circulares!

Uma águia negra esvoaça sobre minha cabeça...
Ela não olha o corpo dormente,
Ela procura o meu coração que lateja:
Ela escuta a pulsação quente.

Da coletânea de poesias “Sārtie logi”

*Jaunais Lihdumneeks, n. 9, setembro, 1936.*

## Satumsa nakts...

*Šarlote*

Ceļnieks vientulis gāja...
Spīdēja tikai vēl gaismiņa vāja;
Saule jau sen aiz kalniem grima,
Tālumā putnu dziesmas rima...

Ietrīcas vientuļā ceļnieka dziesma,
Kamēr tam krūtīs deg pēdējā liesma.
– – – – – – – – – – – – – – – – –
Beidzās drīz dziesmiņa īsa,
Satumsa nakts...

*Rihta Rasa, Nr. 9, septembris, 1931.*

## Escurecia a noite

*Šarlote*

Solitário seguia um viajante...
Sob o brilho de uma pequena luz vacilante;
Há tempos o sol afundou atrás das montanhas,
Longe, o canto dos pássaros não mais o acompanha...

Repentinamente a canção do viajante se interrompe
Enquanto a última chama do seu peito irrompe.
– – – – – – – – – – – – – – – – –
Logo findaria a curta melodia,
Escurecia a noite…

*Rihta Rasa, n. 9, setembro, 1931.*

# CAMINHOS DA FINITUDE

# CEĻA NOBEIGUMS

## Mātes aizlūgums

*Mazais Cinis*

*"Es par šo bērnu esmu lūgusi."*
*1. Zam.1, 27*

Kas tur tik vēlu naktī vaida?
No kā šīs smagās nopūtas? –
Par rūpju bērnu māte raida
Pie Dieva karstas lūgšanas:
Lai dārgāko, ko Dievs tai devis,
Viņš sargā, glabā, ved pie Sevis.

Un nāvē māte aizveŗ acis
Un bērniņš paliek pasaulē.
Kas nu tam mīļu vārdu sacīs?
Kas iepriecu dos dvēselē?
Bez mīlestības saules stara,
Bez sava tuvā, labā gara!

Un klīst viņš tumsā, meklēt klusi,
Kur pieglaust gurdo galviņu.
Kā sapnī, tomēr uz to pusi,
Kur šķietās esam māmiņu!
Un savās sāpēs, savās sērās
Pret tālo Gaismas Valsti veŗās.

No turienes to redz un vēro
Tas stiprais Izraeļa Sargs.
Viņš ciešanas un spēku mēro,
Šis bērniņš Viņam ļoti dārgs:
Jo uzticēts tas Viņam tapa
No mātes, kuŗa dus jau kapā!

Tur, atpestīto īstās mājās,
Ir apsolīta tikšanās.
Tur as'nīm nomazgātie krājās,
Tur nebūs jūŗa, šķiršanās.
Tur, Jaunās Dienas spožā Rītā,
Redz māte, – ka ir paklausīta.

*Jaunais Lihdumneeks, Nr.1, janvāris, 1929.*

## Intercessão da mãe

*Mazais Cinis*

"Por este menino orava eu".
1 Samuel 1:27

Quem tão tarde da noite geme?
Suspira por quais aflições? –
Por seu filho a mãe teme
Dirige a Deus fervorosas orações:
Para que o maior tesouro que lhe concedeu,
Ele proteja, guarde, conduza ao lado Seu.

A mãe fecha os olhos, foi-se
E a criancinha neste mundo permanece.
Quem lhe dirá uma palavra doce?
O acalentará quando se entristece?
Sem os raios de sol do seu amor,
Sem a bondade do seu espírito, do seu calor!

Pelo escuro ele vagueia, busca silenciosamente,
Onde apoiar a cabecinha cansada
Como em sonho, em uma direção de repente
Onde a mãezinha parece estar repousada!
Em sua dor, o luto o conduz
Ao distante Reino da Luz.

Olha por ele e o observa
Aquele forte Guardião de Israel.
Ele conhece seu sofrimento e o preserva,
A esta criancinha preciosa é fiel:
Porque aos Seus cuidados o confiou
A mãe de quem os olhos sepultou!

Lá, real morada dos resgatados,
É prometida uma reunião
Ali unidos os com sangue banhados,
Ali não haverá mar, separação.
Ali, em luminosa aurora que irradia,
A mãe vê – sua oração Ele atendia.

*Jaunais Lihdumneeks, n.1, janeiro, 1929.*

## Vakar un šodien

*Kalnu Jēkabs*

Bij vakar vēl dārziņā manā
Skaists, pusplaucis asteres zieds.
Bet šodien, kad eju un skatos:
Tā vītuse galviņu liec…

Tik vakar vēl skatījos draugā,
Kā acis tam dzīvībā mirdz,
Un šodien – es liecos un klausos,
Un nepukst vairs viņa sirds…

Cik īsa gan patiesi dzīve:
Viens mirklis – un ne-esi tu!
Irst darbs tavs, gaist sapņi un ilgas
Ar pēdējo nopūtu.

Draugs, paceli acis un vēro,
Laiks mūžību tuvāki nes –
Kas zin, varbūt, šodien vai rītu
Beigs gājumu tu, vai es…

*Jaunais Lihdumneeks, Nr. 4, jūlijs, 1929.*

## Ontem e hoje

*Kalnu Jēkabs*

Ainda ontem em meu jardim
Uma linda flor de áster desabrochou.
Mas hoje, quando fui olhar:
Seu botão murcho já se dobrou...

Ainda ontem visitei meu amigo,
Com o brilho dos seus olhos ardendo,
Hoje – eu me curvo e ouço,
O seu coração não mais batendo...

Quão curta realmente é a vida:
Um instante – e não se está mais contigo!
Findos seu trabalho, sonhos e anseios
Com o último suspiro os leva consigo.

Amigo, levante os olhos e observe
O tempo aproxima a eternidade –
Quem sabe, talvez hoje ou amanhã
Concluímos a caminhada, cedo ou tarde...

*Jaunais Lihdumneeks, n. 4, julho, 1929.*

## Šķiroties

*A.B.*

Evaņģelistam J. Šmitam, nāvesdienā,
3. janv., 1934.g.

Vēl ceļi tāli, tekas nestaigātas,
Un simtām rokas tevim pretim sniedzas...
Bet tev jau kājas viņās staigāt liedzas,
Uz ceļu garāku daudz, aicinātas. – –

Darbs tikko sākts,vēl arklis vagas galā
Un priekšā tīrums liels un nestrādāts –
Uz darbu tu šeit biji aicināts,
Šai tālā, nepazītā zemes malā!

Un nu, it kā jau būtu vakars,
Tu prom uz mājām dusēt ej...
Mums pārtrūkst sāktais darba sakars.

Tik viens vēl prieks tāds kluss mums atlicies,
Kad sāpes sirdī rūgto eļļu lej:
Tā cerība, ka vienreiz tiksimies!

*Kristigs Draugs, Nr. 2, februāris, 1934.*

## Separado

*A.B.*

Evangelista J. Šmits, dia do falecimento,
3 jan. 1934.

Estradas distantes, caminhos não percorridos,
Centenas de mãos a ti se estendem...
Mas de caminhar por elas teus pés impedem,
Por outra estrada mais longa requeridos. – –

Início do serviço, os primeiros sulcos da charrua
E o campo à frente é grande e não lavrado. –
Para o trabalho aqui tu foste chamado,
Nesta distante e desconhecida terra, atua!

E agora, como se fosse o anoitecer,
Vá embora, descansar em sua casa...
É tempo de nosso contrato interromper.

Resta somente a alegria, por agora silenciosa,
Quando o óleo da dor amarga o coração:
Que outra vez nos encontremos, fé esperançosa!

*Kristigs Draugs, n. 2, fevereiro, 1934.*

## Sirds pulkstenīts

*Dienvidnieks*

Tik, tik, tik, tik – sit krūtīs pulkstentiņš,
Skrien projām laiks! – teic katris pukstieniņš;
Viņš sit, kad dienas troksnis norimis,
Viņš pukst, kad esi miegā aizmidzis.
Kad saules stariņš rītos modina,
Laiks skrien, laiks skrien! – viņš tevim sludina.

Kad bij tev dusas vieta – šūpulīts,
Jau strādāja šis mazais pulkstenīts.
Kad jaunīb's rozes tev nu vaigos zied,
Viņš liek tev manīt: laiks uz priekšu iet!
Aiz mirkļa mirklis tavās krūtīs dzimst
Un pārdzīvotais mūža jūrā grimst…

Vai bij tev uznācis kāds skumju brīd's?
Tavs pulkstens tapa vētrās pārbaudīts…
Kad prieka smaidi seju rotāja,
Viņš nemitīgi laiku skaitīja;
Kad garas ēnas rādīs dzīves tēls,
Viņš gausi sitīs: "Nu ir vakars vēls…"

Reiz tavās krūtīs pēdējs pukstiens rims,
Un pulkstens tad uz laiku kapā grims…
Līdz Meistars to uz jaunu dzīvi sauks,
Kur mūžam ziedošs pavasaris plauks.
Kad ausīs reizi lielais, gaišais rīts,
Vairs mūžam nestāsies sirds pulkstenīts.

*Ziedoņa noskaņas, bez datuma.*

## Relógio do Coração

*Dienvidnieks*

Tic-tac, tic-tac – bate o relógio do peito,
O tempo corre! – Dizem as batidas a seu respeito;
Ele martela quando o ruído do dia desaparece,
Ele pulsa, até quando o corpo adormece.
Quando o raio de sol a manhã acorda,
Passa o tempo, o tempo passa! - Ele te recorda.

Até antes do seu lugar de acalanto – o berço,
O reloginho funciona desde o começo.
Quando o rubor da juventude floresce em teu rosto,
Ele força a perceber: o ponteiro segue disposto!
Instante após instante marca a sua respiração
Ao mar das experiências em submersão...

Já passou por algum momento de infelicidade?
Seu relógio foi desafiado por uma tempestade...
Quando sorrisos alegres enfeitam teu semblante,
Ele continua a marcar o compasso adiante;
Quando longas sombras aparecem,
Ele lentamente palpita: "Está tarde, anoitece..."

Certa hora, seu coração sentirá a última batida,
O relógio por ora ao túmulo fará sua descida...
Até que o Mestre te acorde à nova existência,
Em que a Primavera floresce sem intermitência.
Quando aquela manhã grandiosa brilhar,
O relógio do coração baterá sem cessar.

*Ziedoņa noskaņas,* s/d.

## Vakardiena

*Tālrīts*

Ak, ja vakardiena spētu
Atgriezties pie mums vēl rītu –
Ak, cik turētu to svētu!
Cik to jauki pavadītu!

Ak, ja dzīvi aizgājušo
Kāds vēl reizi atsaukt spētu –
Cik tad laimi pazaudēto
Turētu mēs mīļu, svētu!

## Ontem

*Tālrīts*

Ó, se o dia ontem passado,
Voltasse para nós amanhã –
Ó, o quanto me seria sagrado!
Como o aproveitaria com afã!

Ó, vida que se foi
Se alguém te trouxesse de volta, regressada –
Como a felicidade que se dissipou,
A nós seria tão querida, sagrada!

## Vakars kolonistu fabrikā

*K.P.*

Dūc mašīnas un riņķo rati,
Kā čūskas platās siksnas skrien;
Spīd tumsā bāli spuldžu skati,
Pa upi drēgna migla brien.

Un ūdens vaid, kad klinšu sienas,
To, lejup raujot, satriekt draud;
Tas projām steidz, šņukst sāpju elsas,
Viņš baltas putu as'ras raud.

Aug palma vientule pie upes,
Kā izbailēs trīc zari tai,
Skauj ūdens straumes viņas saknes,
Tā skatās pretīm nīcībai…

– – – – – – – – –

Jau spuldzes dziest, bet rīts vēl tālu,
Viss paliek tumsā tīstīts kluss, –
Tik ūdens vaid, un autu bālu
Sedz mēness zemei, kuŗa dus.

*Rihta Rasa, Nr. 9, septembris, 1931.*

## Entardecer em uma fábrica dos colonos

*K.P.*

As máquinas roncam e engrenam as rodas,
Como cobras, grossas correias correm;
Observam do escuro os olhares das lâmpadas,
Uma neblina fria e úmida ao rio encobre.

As águas gemem, quando as paredes de rocha,
Dragando-as queda abaixo, ameaçam quebrar;
Com rangidos de dor, ela passa e vai embora
Lágrimas brancas de espuma ficam a chorar.

Cresce uma palmeira solitária à beira do rio,
Seus galhos tremem assustados,
Com as raízes sob a correnteza e seu poderio,
Encara o seu final precipitado...

– – – – – – – – –

As lâmpadas se apagam, o sol ainda ausente,
Tudo silencioso em escuridão permanece, –
Somente as águas gemem, em fios desvanecentes
A lua cobre a terra, que ainda adormece.

*Rihta Rasa, n. 9, setembro, 1931.*

***

*Kalnu Jēkabs*

Kad es miršu,
Tad puķes tu kapā man neliec,
To es negribu, lai viņas tur birtu
Un kapa klusumā,
Nāves stingumā,
Viņu dzīvības svaigums mirtu.

Kad es nebūšu, neraudi asaras,
Dzīves tirgū tās pērkamas lētas.
Nesoli aizkapa tikšanās –
Viss paliks pie kapa sētas…

Tu labāk tad puķes man tagad sniedz,
Kad soļi mums līdzteku vijas;
Savas dvēseles siltumu neaizliedz –
Uzsmaidi, noglāsti – es atbildēšu…

Kalnu Jēkaba beidzamais dzejolis Palmā,
28.10.1943. g.

***

*Kalnu Jēkabs*

Quando eu morrer,
Não deixem flores em meu túmulo,
Suas pétalas não quero despender
Ante ao silêncio da catacumba,
Sobre a rigidez da tumba,
O frescor de sua vida desvanecer.

Quando eu me for, poupem os prantos
O mercado da vida os negocia a preços baixos.
Não prometam após a morte reencontros –
Todos estarão sepultura abaixo...

Melhor me presentear as flores agora,
Quando nossos passos caminham juntos;
Ofereça o calor da sua alma sem demora –
Sorria, dê carinho – eu responderei...

Ūltimo poema de Kalnu Jēkabs. Palma, 28 – 10 – 1943.

*Kristigs Draugs, n. 5, maio, 1948.*

**SEDE DA TIPOGRAFIA NA FAZENDA PALMA, VARPA.**

**IZDEVNIECĪBAS PALMA ĒKA, VĀRPA.**

VĀRPA

**1922 -2022**